

ERICKA SOPHIE BRATSIOTIS

A MITOLOGIA GREGA NA OBRA ***O MINOTAURO***  
DE MONTEIRO LOBATO

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Presbiteriana Mackenzie, como  
parte dos requisitos para obtenção do grau  
de Mestre na área de Letras, sob a  
orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Zélia Borges.

São Paulo  
2006

ERICKA SOPHIE BRATSIOTIS

A MITOLOGIA GREGA NA OBRA **O MINOTAURO**  
DE MONTEIRO LOBATO

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Presbiteriana Mackenzie, como  
parte dos requisitos para obtenção do grau  
de Mestre na área de Letras.

Aprovada em outubro de 2005.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Zélia Borges  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof. Dr. Wilton Azevedo  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Prof. Dr. Osvando José de Morais  
Universidade de Sorocaba

São Paulo  
2006

À memória de minha mãe, Roseli Bratsiotis.

## AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa exige estudo, dedicação, sacrifício e apoio. Agradeço, portanto, a todos os que, direta ou indiretamente, colaboraram para a elaboração deste trabalho.

Aos meus pais, que me ensinaram a lutar, a ter determinação e coragem para enfrentar todos os obstáculos da vida.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Zélia Borges, minha orientadora e mestra, minha segunda mãe. Conduziu-me pelos caminhos por mim desconhecidos com carinho, dedicação e muita competência. Incentivou-me em todos os meus momentos de fraqueza. Tornou-se imensamente especial para mim.

Ao Prof. Dr. Wilton Azevedo, meu professor e amigo. Sempre me acalmava com suas palavras sábias.

Ao Prof. Dr. Osvando José de Moraes, que muito me incentivou durante minha qualificação.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elisa Guimarães, minha primeira professora do curso; uma mulher iluminada que irradia sabedoria por onde quer que passe.

Ao meu colega de sala e grande amigo Rosário D'Agostino e minha amiga Miriam Kahn, que muito contribuíram para que este estudo se concretizasse.

E finalmente, a todos os professores e colegas que fizeram das aulas um aprendizado divertido.

Muito obrigada a todos.

É muito melhor arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfos e glórias, mesmo expondo-se a derrota, do que não conhecer vitória nem derrota.” (Theodore Roosevelt)

## RESUMO

As histórias da mitologia tentam expressar uma verdade que não pode ser captada de outra maneira. Os mitos são a busca dessa verdade. Monteiro Lobato, ao contar histórias, buscava a verdade levando seus personagens em viagens através dos tempos.

A presente dissertação tem por objetivo contrastar, à luz da intertextualidade, o texto de Monteiro Lobato em sua obra *O Minotauro* com textos da mitologia grega escritos por outros autores, ressaltando a maneira como a história é narrada e o conhecimento transmitido ao leitor. Para que isso seja possível, este trabalho alicerçará seus estudos em Monteiro Lobato, A. S. Franchini, André Gide, Carmen Seganfredo, Joseph Campbell, Junito Brandão, Odile Gandon, Thomas Bulfinch e Viktor D. Salis. Para a análise da intertextualidade, tomou-se como referência os autores Barros e Fiorin, Bakhtin, Kristeva, Koch e Travaglia.

Lobato, em seu texto, utiliza-se de uma linguagem simples para contar a história da Grécia Antiga e, ao longo da narrativa, dá definições de vocábulos e deixa claro o quanto este país foi importante para o desenvolvimento da arte, da ciência e, a influência que a língua grega tem na língua portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** minotauro, mitologia, Monteiro Lobato

## ABSTRACT

The stories related to the myths try to express a truth, which cannot be captured in any other way. The myths are the search for this truth. In his stories, Monteiro Lobato searched for the truth taking his characters in trips through the times.

Based on the intertextuality, the present dissertation has the aim to contrast the text *The Minotaur* from Monteiro Lobato to other texts written by other authors, focusing on the way that the story is told and the knowledge transmitted to the reader. To make this possible, this work will found its studies on Monteiro Lobato, A. S. Franchini, André Gide, Carmen Seganfredo, Joseph Campbell, Junito Brandão, Odile Gandon, Thomas Bulfinch and Viktor D. Salis. For the intertextuality analysis, the authors Barros and Fiorin, Bakhtin, Kristeva, Koch and Travaglia were taken as a reference.

Lobato, on his text, used a very simple language to tell stories about Ancient Greece and, as the story goes around, he gives a lot of word definitions and makes it clear how important Greece was to the development of arts, science and, the influence of the Greek language on the Portuguese.

**KEYWORDS:** minotaur, mythology, Monteiro Lobato



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A MITOLOGIA GREGA DE MONTEIRO LOBATO .....	14
1.1 A Importância e Poder do Mito.....	14
1.2 O Mito e Monteiro Lobato.....	20
2 A INTERTEXTUALIDADE DA OBRA O MINOTAURO .....	29
2.1 Análise da Intertextualidade.....	29
2.2 O Herói Teseu e sua pouca presença no texto de Lobato .....	32
2.2 Viagem à Grécia.....	41
2.3 Desembarque na Grécia Antiga.....	48
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55
ANEXO 1 – COLEÇÃO DE DEFINIÇÕES PECULIARES E/OU IRREVERENTES DE MONTEIRO LOBATO EM SUA OBRA <b>O MINOTAURO</b> .....	60

## INTRODUÇÃO

A origem dos mitos perde-se nos tempos, sem que ninguém possa dizer de onde vieram. São narrativas fascinantes e fantásticas. Eles eram considerados a linguagem que os deuses utilizavam para ensinar-nos, pobres mortais, a arte de viver, amar e aproximar-nos deles.

Não há apenas uma forma de defini-lo, pois, tratando-se de uma realidade cultural extremamente complexa, um mito pode ser interpretado de maneiras múltiplas e complementares. O mito é algo fascinante que nos envolve e faz-nos refletir a respeito de uma série de realidades, muitas vezes consideradas supérfluas e que acabamos por ignorar no nosso dia-a-dia, mas são, na verdade, crenças-chaves para uma boa evolução da sociedade.

Partindo da idéia do que é mito, seu poder, importância e influência nos dias de hoje, tomou-se como objeto desta pesquisa a lenda do Minotauro da mitologia grega.

O presente estudo tem o objetivo de contrastar o texto de Monteiro Lobato em sua obra O Minotauro com textos da mitologia grega escritos pelos autores A. S. Franchini, André Gide, Carmen Seganfredo, Joseph Campbell, Junito Brandão, Odile Gandon, Thomas Bulfinch e Viktor D. Salis; a maneira como a história é narrada e o conhecimento que Lobato transmite aos seus leitores. Para que isso

seja possível, pretende-se mostrar que o texto lobatiano dá uma idéia da história com mais propriedade do que os demais textos. Outra intenção do trabalho é mostrar, pela riqueza dos detalhes e pela ficção, que a obra de Lobato é mais forte do que a leitura dos historiadores oficiais que retratam a mitologia grega e história da Grécia Antiga. Ao mesclar seus personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo aos heróis da mitologia grega, Lobato faz com que a história seja fixada em nossa mente mais facilmente. No decorrer de sua narrativa, o autor menciona fatos que ocorreram no mundo na década de 30, dando maior ênfase ao Brasil, principalmente às questões relacionadas ao progresso, ao Modernismo e aos problemas sócio-político e ambientais brasileiros.

Em dezenas de livros, inclusive em *O Minotauro*, Monteiro Lobato produziu uma vasta e original literatura infanto-juvenil, em que estão presentes o caráter moralista e doutrinário e sua luta pelos interesses da nação. Ao longo desta pesquisa, será possível evidenciar alguns pontos que comprovam esses aspectos no autor.

Os autores Barros e Fiorin, Bakhtin, Kristeva, Koch e Travaglia foram utilizados para analisar a intertextualidade desta pesquisa. Compararam-se os textos de *O Minotauro* de Monteiro Lobato e a história da mitologia grega, tomando os autores A. S. Franchini, André Gide, Carmen Seganfredo, Joseph Campbell, Junito Brandão, Odile Gandon, Thomas Bulfinch e Viktor D. Salis como referências bibliográficas. Suas obras foram utilizadas como textos-fonte para que se tornasse possível o desenvolvimento deste trabalho.

Partindo do objetivo traçado, os capítulos, por sua vez, terão a seguinte divisão:

- 1) A Mitologia Grega de Monteiro Lobato – neste capítulo, será feito um estudo do mito, sua importância e seu poder como um todo e dentro da obra O Minotauro de Monteiro Lobato.
- 2) A Intertextualidade da obra O Minotauro – neste capítulo, será evidenciado como ocorre a intertextualidade na obra O Minotauro comparada com os historiadores/ autores citados anteriormente. Far-se-á uma análise detalhada do texto de Lobato, tomando como ponto de partida a ausência de Teseu na obra lobatiana.
- 3) Considerações Finais/ Anexo 1 (Coleção de Definições Peculiares e/ ou Irreverentes de Monteiro Lobato em sua obra O Minotauro) – para finalizar o trabalho, serão tecidas considerações a respeito dos objetivos aqui traçados, mostrando que foram atingidos durante o desenvolvimento deste estudo.

Lobato, em sua linguagem simples, dá definições de palavras relacionadas a várias áreas de conhecimento, artes, costumes e, principalmente, das divindades gregas, suas festividades, e toda influência que os deuses, deusas e toda a cultura grega têm nos dias atuais. No decorrer da história, o autor deixa claro como a língua grega é presente na língua portuguesa. Através de Emília, sua porta-voz e alter ego, Lobato define certos vocábulos de maneira hilária e, muitas vezes, ousada, o que dá grande prazer na leitura de O Minotauro.

Para a coleta de informações aqui contidas, os autores mencionados anteriormente foram vastamente pesquisados e a internet também foi uma fonte importante de pesquisa. Como a maioria dos historiadores de mitologia grega são americanos e britânicos, várias obras foram lidas em seu original, em inglês, porém todas citações foram traduzidas pela autora, que é formada em Letras Tradutor Intérprete pela UNIBERO, e constam nas notas de rodapé.

## 4 A MITOLOGIA GREGA DE MONTEIRO LOBATO

### 4.1 A IMPORTÂNCIA E PODER DO MITO

“É assim porque foi dito que é assim!” (Eliade)

Há muitas definições para a palavra mito. Há autores que se utilizam do vocábulo no sentido de “fábula”, “invenção”, “ficção” ou “ilusão”, mas historiadores como Eliade, Bulfinch e Campbell, que se utilizam de mitos em suas histórias, definem-no e aceitam-no tal qual era compreendido pelas sociedades arcaicas, como “história verdadeira, tradição sagrada, revelação primordial, experiência de sentido, modelo exemplar”.

Segundo a Arte Poética de Aristóteles (2005), a imitação de uma ação ou combinação dos atos é mito ou fábula. Este mito é um dos elementos da tragédia, a qual é composta por seis elementos essenciais: o mito ou fábula, os caracteres ou costumes, a elocução, o pensamento, o espetáculo apresentado e a melopéia ou canto. Entre os seis elementos essenciais distinguem-se as partes externas, dizendo respeito à representação teatral (espetáculo, melopéia e elocução) e as internas, dependentes do texto escrito (mito, caracteres e pensamento). A parte mais importante da tragédia é a organização dos fatos, pois a tragédia é a imitação de uma ação completa com princípio, meio e fim. A imitação não é de

roda que é o drama. Em torno dele, mito, tudo se organiza e move no drama trágico.

O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada por perspectivas múltiplas e complementares. Será realmente possível encontrar uma única definição para mito capaz de cobrir todos os tipos e todas as funções dos mitos em todas as sociedades arcaicas e tradicionais? Podemos responder à pergunta “o que é mito”? Aristóteles, o fundador da lógica, em seu livro *Categorias*, diz que a pergunta “O que é...” (1995, p. 31) deve ser expressa através de uma frase predicativa, ou seja, uma frase de forma que S (sujeito) é P (predicado). Porém, nem toda frase predicativa que tem S como sujeito define S. Por exemplo, na frase “Teseu é forte” atribui-se uma qualidade a Teseu, enquanto “Teseu luta” menciona o que ele faz (apesar de poder ser interpretada como uma predicação). Muitas vezes as coisas que são ditas a respeito de um S nem existem em um S. Para Aristóteles, mito é fábula, já que fábula é mito.

De acordo com Eliade, mito é modelo exemplar e sua principal função é revelar esse modelo exemplar. O autor explica mais detalhadamente este modelo exemplar quando diz:

... a principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o

trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria. Essa concepção não é apenas destituída de importância para a compreensão do homem das sociedades arcaicas e tradicionais... (1998, p. 13)

Campbell, considerado uma das maiores autoridades mundiais em mitologia, acreditava que tudo começa com uma história. O mito conta uma história sagrada, a qual revela um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos, são deuses ou heróis civilizadores; são os Entes Sobrenaturais e conhecidos pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios da humanidade”. Ele explica que deu o nome de O Herói de Mil Faces (Campbell, 1949) a seu livro por se tratar de uma seqüência de ações heróicas que pode ser observada em histórias do mundo inteiro, conforme se pode observar na seguinte passagem:

Toda história tem como personagem principal um herói, ou seja, alguém que encontrou ou realizou alguma coisa excepcional que ultrapassa a esfera comum da experiência. O herói propriamente dito é alguém que deu sua vida por algo maior ou diferente dele mesmo... Ele pode ser físico ou espiritual. Também pode ser por acaso, de repente se encontra no meio de uma aventura e se torna o herói, ou, aquele que resolve partir de maneira responsável e intencional para realizar a proeza. (1949, p. 11)

O herói passa por toda uma preparação durante a história, ele manifesta seu caráter quando está pronto para a aventura. A paisagem e as condições ao redor combinam com a prontidão do herói; tudo ao redor muda para dar indícios



de que o herói está pronto para realizar a proeza. É o mito que tem o poder de dar esta preparação ao herói.

Para Brandão, os heróis seriam tanto seres humanos quanto divindades particulares, ou seja, uma verdadeira mistura ou fusão de tipos. A polêmica em torno da origem divina ou humana do herói se apoiava particularmente nos dois tipos de sacrifícios, que eram oferecidos aos deuses e heróis, e no rito com que eram executados:

... aos deuses se sacrificava pela manhã, aos heróis à tarde; aos deuses se ofereciam vítimas brancas, aos heróis pretas; aos deuses o sacrifício se fazia sobre um bomós, um altar colocado em um embasamento; aos heróis, sobre uma simples eskhára, uma lareira ou braseiro, instalado no chão... Mas, como diferença fundamental se argumentava que os sacrifícios aos deuses era sob forma de thysía, isto é, uma oblação em que apenas uma parte da vítima era ofertada aos imortais (...) Aos heróis se sacrificava mediante o enaguismós, isto é, sob forma de cerimônia fúnebre, que comportava o holókautos, o holocausto, isto é, consumo total da vítima pelas chamas. (1998, Vol. 3, p. 17)

Eliade afirma que "apenas na Grécia os heróis desfrutaram um prestígio religioso considerável, alimentaram a imaginação e a reflexão, suscitaram a criatividade literária e artística." (1978, p. 124). É claro que todas as culturas primitivas e modernas tiveram e têm seus heróis, mas foi particularmente na Grécia, ou Hélade, onde a estrutura, as funções e o prestígio religioso do herói ficaram bem definidos. Eliade continua:

Utilizando uma fórmula sumária, poderíamos dizer que os heróis gregos compartilharam uma modalidade existencial sui generis (sobre-humana, mas não divina) e atuam numa época primordial, precisamente aquela que acompanha a cosmogonia e o triunfo de Zeus. A sua atividade se desenrola depois do aparecimento dos homens, mas num período dos 'começos', quando as estruturas não estavam definitivamente fixadas e as

normas ainda não tinham sido suficientemente estabelecidas. O seu próprio modo de ser revela o caráter inacabado e contraditório do tempo das 'origens'... (1978, Vol 2, p. 118)

Todo herói tem que renunciar para ter a recompensa. Até mesmo as três grandes religiões (judaísmo, cristianismo e islamismo) apóiam-se nos mitos para justificar a renúncia em pró de um bem maior. Moisés foi um herói quando subiu à montanha e voltou com as leis para a formação de uma nova sociedade. Cristo foi um herói ao morrer na cruz. Uma mãe, ao dar à luz uma criança, é uma heroína, e um bebê, ao nascer, também é considerado por Campbell um herói, pois tem de lutar para sobreviver, ou seja, vivia no líquido amniótico locomovendo-se facilmente, recebia alimento pelo cordão umbilical e, de repente, vê-se tendo que chorar para se comunicar. O herói parte, realiza e volta, sempre renunciando para se autoproteger e ser recompensado. Campbell chama de “separação ou partida – iniciação ou provas e vitórias da iniciação – retorno ou reintegração à sociedade” e explica:

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (1949, p. 36)

Ao se autoproteger, o herói passa por uma transformação da consciência, ou seja, muda sua forma de pensamento. Essa transformação ocorre através das provas, dos testes e das revelações as quais o herói tem que enfrentar durante sua aventura, que “costuma seguir o padrão da unidade nuclear: um afastamento do mundo, uma penetração em alguma fonte de poder e um retorno que enriquece a vida.” (Campbell, 1949, p. 40). Os leitores de temas mitológicos acabam

passando pela mesma transformação pela qual passa o herói, pois descobrem suas fraquezas no herói, e este mostra como superá-las.

Os mitos tratam dessa transformação da consciência, relatam um acontecimento ocorrido no tempo fabuloso do princípio das coisas, de que modo algo começou a ser produzido e começou a ser. Aristóteles (2005) diz que o mito resulta do maravilhoso. Dizer ou contar um mito é proclamar o que aconteceu no passado. Uma vez “dito”, quer dizer, revelado ou contado, o mito torna-se verdade absoluta. “É assim porque foi dito que é assim!” (Eliade, 1996, p. 84), diziam os esquimós netsilik a fim de justificar a validade de sua história sagrada e suas tradições religiosas. Vemos, portanto, que a história narrada pelo mito constitui um conhecimento de ordem esotérica, não apenas por ser misterioso, mas também porque esse conhecimento é acompanhado de um poder mágico-religioso. Viver um mito é aproximar-se dos Entes Sobrenaturais, é penetrar num mundo transfigurado, auroral, impregnado da presença dos deuses e heróis.

As histórias da mitologia tentam expressar uma verdade que não pode ser captada de outra maneira. É o limite, a conexão entre aquilo que pode ser conhecido e o que nunca poderá ser descoberto, pois é um mistério que transcende toda a pesquisa humana. Mediante a leitura dos mitos, podemos saber qual é o sentido da vida, do universo. Os mitos são pistas reveladoras das potencialidades espirituais da vida humana, aquilo que somos capazes de experimentar interiormente; serve para que as pessoas conheçam um pouco do

mistério da vida e o mistério de si próprias. São capazes de nos envolver, ensinam-nos a voltar para dentro de nós mesmos e a captar a mensagem dos símbolos, ajudam a colocar a mente em contato com a experiência de estar vivo. “Ele lhe diz o que a experiência é.” (Campbell, 2005, p. 6). Quando a história está

Segundo Campbell, “Os mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos” (2005, p. 5). Lobato, ao contar histórias, fazia justamente isso: buscava a verdade para compreender nossa história, levando seus personagens em viagens através dos tempos. Com o Sítio do Pica-Pau Amarelo, o autor procurava, assim como Walt Disney, entrar no mundo da criança e apresentar o mundo real no mundo da imaginação; desejava escrever uma literatura sobre o mundo dos homens a partir de uma visão infantil, desvinculada de julgamentos morais. Ele descobre que uma das diversões da criança consiste em imaginar o mundo da realidade por outras perspectivas, ou seja, de modo fantástico. Os desejos de “transportes espaciais” das crianças são explorados nas façanhas dos habitantes do sítio com o uso do pó de pirlimpimpim. Não há limite geográfico possível para se chegar ao mundo do “faz-de-conta” e, todos os elementos do fantástico são engenhosamente manipulados pelo autor. Em sua obra O Minotauro, Lobato faz veicular páginas inteiras da nossa Geografia, História, Matemática e Gramática nas asas destes elementos fantásticos.

A forma como a mitologia grega é narrada por Lobato busca a verdade mesclando o conceito de mito e realidade, de mitologia e ficção, pois envolve seus personagens fictícios do Sítio do Pica-Pau Amarelo nas histórias da Grécia Antiga; mostra onde o racional e o imaginário se tocam e se realimentam. Nota-se que o autor quer que seus personagens se tornem, em parte, mitológicos, mas também, ao revelar o mito com a ajuda dos próprios mitos, torna a história do Minotauro

uma verdade apodítica: funda a verdade absoluta. Essa mescla foi alcançada de maneira muito afortunada, agregando informações provenientes dos tempos antigos, relacionadas com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, construíram civilizações e formaram religiões. O autor contava histórias para tentar entrar em contato com o mundo, para harmonizar nossas vidas com a realidade.

Ao publicar *O Minotauro*, em 1939, foi capaz de realizar um sonho que descrevia a Godofredo Rangel: “Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar” (Lobato, 1964, p. 293). O seu mérito maior está na adequação entre a matéria literária, as idéias e valores que lhe servem de húmus e as imposições da época em que ela foi escrita. Pode-se, assim, concordar com Coelho quando afirma que:

O desejo de ruptura de Lobato se concretiza na invenção literária que caracteriza o seu estilo para crianças: a fusão do Real com o Maravilhoso, no qual a lógica é abolida e um novo espaço é aberto para a crítica. (1997, p. 225)

Para Borges, *O Minotauro* foi considerado “um livro literário, com uma história livre capaz de instruir” (2002, p. 2). Porém, além da mescla “mito-realidade”, tem-se a riqueza de definições e nomes adequados que serão aprofundados mais detalhadamente no próximo capítulo. Far-se-á um rol de termos relativos à arquitetura, escultura, náutica, artes gráficas, utensílios, ingredientes, petiscos, vestuário, vícios, o contraste da Grécia Antiga com a Moderna e a grande influência da língua grega na língua portuguesa. Nem todos

têm o interesse que deveriam pela história da Grécia, berço da civilização, porém, Campbell afirma que, “Não se pode ter interesse por um assunto só porque alguém diz ser importante. Acredito em ser capturado pelo assunto, de uma maneira ou de outra” (2005, p. 3). O mito é capaz de atrair e Lobato consegue que o leitor seja envolvido pelo mito, no Minotauro. Lobato faz com que o leitor viaje à Grécia Antiga juntamente com os personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo e transforma o leitor em um de seus personagens nesta viagem.

Assim como em todas as histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo, Emília, sua principal personagem, é a empreendedora, a heroína. A boneca de pano, mais do que qualquer outro personagem do sítio, é a “representante de Monteiro Lobato”. Ela é mais que humana, é um pensamento. O lado psicológico da boneca traz à tona a personalidade oculta de Lobato. Cavalheiro afirma: “Emília é o pensamento de Monteiro Lobato, é sua porta-voz em momentos importantes e sobre assuntos polêmicos.” (1952, p. 128). Tem a mesma independência de personalidade e autonomia intelectual que caracterizam o escritor, mas também uma esperteza e um “jeitinho” brasileiros que não eram muito características suas.

Ela vai se transformando e firmando-se como personagem importante na obra de Lobato aos poucos. A cada novo livro, o seu criador define a personalidade livre e voluntariosa da boneca que acaba por se transformar em alter ego do próprio autor. Emília torna-se porta-voz de seu idealizador com suas idéias libertárias e progressistas. O criador faz com que sua criatura alcance o modelo de individualismo audaz, confiante e empreendedor que sempre buscou.

De acordo com Coelho, “Indiscutivelmente, a personagem mais importante para se compreender o universo lobatiano é Emília, pois é a única que vive uma tensão dialética com os outros.” (1997, p. 127).

Nas palavras de Lobato:

[ela] começou como uma feia boneca de pano, dessas que nas quitandas do interior custavam 200 réis. Mas rapidamente foi evoluindo e adquirindo tanta independência que (...) quando lhe perguntaram: ‘mas que você é, afinal de contas, Emília?’ ela respondeu de queixinho empinado: sou a Independência ou Morte! E é tão independente que nem eu, seu pai, consigo domá-la. (...) Fez de mim um “aparelho” como se diz na linguagem espírita. (...) Emília que hoje me governa, em vez de ser por mim governada. (1956, p. 341)

O poder de Emília origina-se nas suas idéias. É bem forte a tentação de fruir da irreverência ou “sapequice” da boneca, a qual é freqüentemente chamada de “torneirinha de asneiras” pelos outros personagens ou pelo próprio Lobato, numa espécie de autocensura convencional e da coragem de passar ao empreendimento e à ação. A boneca é o grande mito do autor, é a mistura – nem sempre em doses iguais, é verdade – de características tanto boas quanto ruins. Campbell preconiza que “cada indivíduo deve encontrar um aspecto do mito que se relacione com sua própria vida” (2005, p. 32), e Lobato encontra essa relação em Emília. Apesar de ser boneca, ela é uma das personagens mais humanas e reais da literatura infantil, pois tem qualidades e defeitos como qualquer um de nós. O autor não tenta passar uma imagem idealizada de sua personagem, ele a mostra sem véus. No entanto, a maioria das definições, explicações ou conclusões se dão pelas falas da boneca, nas quais se fundem a verdade



absoluta, mencionada anteriormente, e as destravas de sua imaginação. A feia bonequinha de pano, que se torna gente, se transformou em um ser tão livre que nem seu próprio autor consegue colocar-lhe limites.

Três frases podem representar bem a boneca Emília e Lobato: “Lobato foi a minha iniciação, minha grande curiosidade. Emília é a personagem mais acabada, saída da imaginação do brasileiro mais delirante deste século.” (Ziraldo)<sup>1</sup>, “A Emília não tem paralelo em personagens atuais, porque ela é o próprio Lobato, ou pelo menos a mais irreverente de suas personalidades.” (Conforti)<sup>2</sup>, e também “A Emília não é só uma personagem, é uma coisa mágica.” (França)<sup>3</sup>.

Para Julio Gouveia (1978), “Emília é a personagem feminina onde Lobato juntou todos os atributos possíveis da sua concepção de mulher bem-sucedida.” A concordância é geral de que Emília é o principal personagem das histórias de Lobato e que suas palavras, gestos e ações são fio condutor da narrativa e definem, em grande parte, o seu conteúdo ideológico. A escritora de livros infantis Fanny Abramovich diz que gostaria de proporcionar aos seus leitores 10% do prazer que Lobato sempre lhe deu e descreve a boneca: “Já Emília, que não é criança, é uma boneca - marquesa irreverente e sem papas na língua,

---

<sup>1</sup> PINTO, Ziraldo. Disponível em <http://www.lobato.com.br/arquivos/arquivo-5.htm> acesso em 2 abr. 1999.

<sup>2</sup> CONFORTI, Gerson. Disponível em <http://www.lobato.com.br/arquivos/arquivo-6.htm> acesso em 2 abr. 1999.

<sup>3</sup> FRANÇA, Eliardo. Disponível em <http://www.lobato.com.br/arquivos/arquivo-6a.htm> acesso em 2 abr. 1999.

absolutamente independente e dona do seu nariz, é a primeira personagem feminista da nossa literatura.”<sup>4</sup>

Além do feminismo, O Minotauro é um dos inúmeros títulos que indicam a preocupação de Lobato com os mistérios da vida e da morte, do real e do imaginário. Ele lida com os temas relacionados com as religiões e as superstições, os medos e as fantasias, a fé e o ceticismo, ao longo de toda a narrativa. Acredita-se que ele não era um homem religioso, porém são freqüentes as referências de caráter espiritual, metafísico, sobre a alma, a verdade, a bondade, a justiça, o concreto e o abstrato. Seus textos infantis receberam inúmeras críticas como sendo “preconceituosos”, não só em relação a negritude de Tia Nastácia, mas também a outros aspectos do texto. Coelho defende o autor quando menciona que “a literatura, como mediadora, reflete os valores e desvalores de um sistema social, contemporâneo de Lobato” (1995, p. 732-3) e que ele, nem mais nem menos do que os outros artistas, refletiu com bastante fidelidade a sociedade e os tempos em que viveu. A autora observa brevemente que as atitudes libertárias – defendidas, assumidas, ou reivindicadas pelos personagens lobatianos, Emília em especial, não causam nas crianças de hoje, o mesmo impacto que causaram nas de ontem.

---

<sup>4</sup> ABRAMOVICH, Fanny. Disponível em [http://www.vidaslusofonas.pt/monteiro\\_lobato.htm](http://www.vidaslusofonas.pt/monteiro_lobato.htm) acesso em 5 dez. 2005.

Lobato incomodou muito os padres e outros adeptos da igreja, pois a única pessoa obstinadamente religiosa, católica, era a “pobre negra ignorante e analfabeta”, Tia Nastácia. “Sou eu, sua negra velha, Tia Nastácia...” (Min, p. 103).

(...) Nossa Senhora! O medo que senti! Ajoelhei , rezei, pedi misericórdia com todas as palavras do meu coração (...) “Minha hora chegou”, pensei comigo e caí no chão de joelhos, rezando para Nossa Senhora. Mas aconteceu um milagre. (...) O mundo está mesmo perdido (...) ah, meu Senhor Bom Jesus de Pirapora. (p.94, 104)

Um de seus críticos mais severos – o Padre Sales Brasil – chegou a escrever e publicar um livro com a finalidade exclusiva de condenar a obra infantil do autor e de alertar as famílias brasileiras sobre o que continham de atentado à vigente moral. O padre lista, detalhadamente, o que chama de erros filosóficos, teosóficos, históricos e/ou sociais que encontra em seus textos infantis. Isto se deu, principalmente, devido a uma liberdade de expressão muito grande em todos os textos de Lobato. Criticou o ato de rezar através de Dona Benta, “A estupidez humana! O fanatismo religioso.” (Min, p. 38). A mesma Dona Benta menciona Jesus Cristo, por exemplo, de maneira depreciativa.

Cristo foi homem que veio pregar a idéia nova de que nossa alma é imortal e de que a nossa vida na Terra não passa de um momento. Foi o filho de Deus. (...) Ao ouvir Dona Benta falar em Deus e filho de Deus, Péricles sorriu. Imaginou estar diante de uma velha mística que sonhava um novo deus – e mudou de assunto. (Min, p. 19)

Não faltam ocasiões em que os sacerdotes de várias denominações sejam descritos como intrometidos, ambiciosos, cúpidos e pouco honestos. “E para que

servem estes recintos? Para depósito dos tesouros, das oferendas feitas à deusa. É a sacristia! - berrou Emília.” (Min, p. 37). Valoriza imensamente os deuses gregos, mas, por outro lado, também satiriza “... espanta-me o fato de que os gregos ainda levem a sério essas divindades saídas da imaginação do povo e remodeladas pelos poetas.” (Min, p. 37).

Segundo Eliade, “Quanto mais o homem é religioso tanto mais dispõe de modelos exemplares para seus comportamentos e ações...” (1996, p. 86). Em outras palavras, quanto mais é religioso tanto mais o homem acredita que tais modelos exemplares o livrem de ações “subjetivas” e, em resumo, aberrantes. Por isso, acredita-se na não religiosidade de Lobato, pois sua posição ideológica, em geral, é de alguém favorável à liberdade de credos para as pessoas. Mistério, milagres, o interesse de Lobato pelo místico e pelo sobrenatural e, em especial, a apresentação dos elementos de mitologia são comentados de forma apreciativa através de seus personagens. Emília diz a Pedrinho: “Já reparou como a ciência fica uma coisa sem graça aqui na Grécia? Tudo cá é poesia – e a ciência é prosa.” (Min, p. 51).

Apesar da igualdade racial não fazer parte do discurso ativo de Lobato, ele demonstra carinho com o ser humano Tia Nastácia. O enredo de O Minotauro acontece porque “a boa negra” foi raptada durante a invasão dos monstros mitológicos ao Sítio, e o grupo precisa resgatá-la. Por outro lado, Julio Gouveia considera Lobato o primeiro escritor brasileiro “não só antimachista, mas até

mesmo o primeiro a colocar a mulher em posição privilegiada, de destaque, de autoridade e até mesmo de inegável liderança.” (1978). Tia Nastácia é a razão da viagem à Grécia Antiga e, Dona Benta é colocada diante dos maiores governantes da história da civilização e Emília é quem tem o poder de decisão, a última palavra. As qualidades dos personagens femininos sobressaem, e identifica-se uma polarização entre duas presenças fortes: Dona Benta, o poder do conhecimento “adulto”, e Emília, a força da imaginação e da rebeldia. Parece duvidoso que propusesse o mesmo em relação a qualquer um dos personagens

## 2 A INTERTEXTUALIDADE DA OBRA *O MINOTAURO*

### 2.1 ANÁLISE DA INTERTEXTUALIDADE

"Todo texto se constrói como um mozaico de situações." (Kristeva)

A partir da compreensão do fenômeno da "polifonia", ou "dialogismo", desenvolvido por Mikhail Bakhtin e renomeado como "intertextualidade" por Júlia Kristeva 40 anos mais tarde, pode-se concluir que se trata de uma realidade tão antiga quanto a humanidade e sempre constituiu um princípio básico de construção de linguagem. A palavra intertextualidade significa interação de textos, um diálogo entre eles; texto no sentido amplo: um conjunto de signos organizados para transmitir uma mensagem, portanto, no mundo atual da multimídia, ela acontece entre textos de signos diferentes. Trata-se da possibilidade de um texto ser criado através de outros textos.

Bakhtin fala da "abertura dialógica" ligada a um "inacabamento de princípio", na realidade dinâmica das trocas. É necessário que haja uma permeabilidade vital, permitindo um trânsito contínuo, "uma comunicação através da diferença, entre pessoas, textos, grupos sociais". Para ele, a língua se harmoniza em conjunto.

Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso (...). (2003, p. 83)



transformá-lo” (2003, p. 30). Para Koch e Travaglia, a intertextualidade pode ser de forma ou conteúdo.

A intertextualidade de forma ocorre quando um produtor de um texto repete expressões, enunciados ou trechos de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso. (...) Quanto ao conteúdo, pode-se dizer que a intertextualidade é uma constante: os textos de uma mesma época, de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma cultura, etc., dialogam, necessariamente, uns com os outros. Essa intertextualidade pode ocorrer de maneira implícita ou explícita. (1997, p. 75)

Neste estudo, fica claro que a intertextualidade do texto O Minotauro de Monteiro Lobato é explícita, pois o receptor não precisa ter conhecimentos de mitologia para ser capaz de captar a significação do texto em questão.

Como as narrações mitológicas misturam a história dos deuses e a dos homens, Lobato começou a construir seu mosaico quando integrou ao fabuloso mundo do Sítio do Pica-Pau Amarelo a fascinante mitologia grega. Uniu a sabedoria do Visconde de Sabugosa, a curiosidade de Emília e a esperteza de Pedrinho com a grandiosidade e força dos deuses da mitologia grega. Inseriu a mitologia no Sítio do Pica-Pau Amarelo, ou seja, intertextualizou seus personagens com os contos e lendas gregas. Inspirou-se, portanto, em vários textos de autores e estudiosos diversos, para construir uma nova história, porém utilizou-se de uma linguagem simples para descrever a história da Grécia Antiga, o que não necessariamente acontece nos escritos da antiguidade.

Nesta nova história criada por Lobato, o autor, em seu texto, traz um eco das vozes de seu tempo, da história do Brasil na década de 30, de seus valores,



crenças, preconceitos, medos e esperanças com os quais ele mantém um permanente diálogo.

No decorrer de seu texto, Lobato faz com que o leitor imagine o mundo da realidade por outras perspectivas, ou seja, de modo fantástico. Quando seus personagens se transportam para a Grécia Antiga com o uso do pó de pirlimpimpim, para o qual não existe limite geográfico possível, dá início a uma aventura imaginária, porém num mundo real, ou seja, um mundo que realmente existiu. O curioso, nesse caso, é que nas asas dessa imaginação e através desses elementos fantásticos, o autor faz veicular páginas inteiras da nossa geografia, história, matemática e gramática.

## 2.2 O HERÓI TESEU E SUA POUCA PRESENÇA NO TEXTO DE LOBATO

“I have lived.” (Gide)<sup>5</sup>

Na obra lobatiana, causa estranheza que em uma viagem ao labirinto do Minotauro não se encontre a figura de Teseu – um dos heróis mais famosos da Grécia - e responsável pela morte do tão assombroso monstro, que tinha cabeça de touro e o restante do corpo sob a forma humana. Esse herói é citado superficialmente por Lobato nos capítulos VII e VIII, mas como o herói Teseu apenas no capítulo XI, no sonho de Pedrinho.

---

<sup>5</sup> “Eu vivi.”

Pedrinho sonhou que estava numa pedra e um velho sentava-se a seu lado. Esse velho era a “história” que, após alguns segundos, se transformou na figura de uma musa. A conversa entre Pedrinho e a musa é uma das partes mais importantes da obra, e a única vez que o nome de Teseu é mencionado como o herói que matou o Minotauro.

(...) E o reinado do Rei Minos da Ilha de Creta. E as façanhas de Teseu, o herói que enfeixou todos os burgos da Ática numa cidade só...

- E matou o Minotauro! (Min, p. 48)

A figura do labirinto tem uma forte ligação com o fato de narrar histórias, com a narrativa em si. Todos que entravam no labirinto eram devorados pelo Minotauro e jamais saíam de lá. O mesmo ocorre em uma narrativa. Toda narrativa é entrar em uma história e não conseguir sair mais. O labirinto do Minotauro é utilizado por Lobato como um pretexto para que o autor possa levar seus personagens à Grécia Antiga. Serve como porta de entrada para que o Sítio do Pica-Pau Amarelo invada a Grécia e Lobato possa, por meio de seus personagens, contar como tudo começou. Quando seus personagens viajam para a Grécia e voltam no tempo é como se eles tivessem entrado em um labirinto. Amarram o fio do novelo de lã de Ariadne em “O Beija-flor das Ondas”, viajam pela Grécia Antiga, resgatam Tia Nastácia e conseguem sair pela mesma porta em que entraram.

Para que haveria a necessidade de Teseu então? Se Teseu estivesse presente, não haveria mais Minotauro e, conseqüentemente, labirinto. A obra não

teria o mesmo sentido. Lobato foi perspicaz, pois não poderia desenvolver um texto sobre Teseu porque, se o fizesse, sua história ficaria incoerente. O que o autor queria era a figura do labirinto do Minotauro e este não poderia estar morto.

Como já foi mencionado no primeiro capítulo, a boneca Emília é a grande porta-voz do autor e heroína de sua histórias. Louca por façanhas, define-se como “quixótica” (Min, p. 36), referindo-se a Don Quixote. Unindo-se à sabedoria do Visconde, que nunca fora grande amigo de aventuras, e à esperteza de Pedrinho, eles são os grandes responsáveis pela captura de Tia Nastácia, porém em momento algum, alteram os acontecimentos das lendas e histórias gregas. Pedrinho diz à avó “Hei de ir, ver e vencer – e trazer tia Nastácia, ainda que seja de rastos. A senhora não me conhece, vovó...” (Min, p. 40).

Já que Teseu não aparece na obra lobatiana, é apenas mencionado superficialmente, tomamos como base para este estudo os autores Brandão, Bulfinch, Campbell, Franchini, Gide e Seganfredo, para analisarmos mais profundamente quem foi Teseu e como travou sua batalha contra o Minotauro, aquela que o imortalizou definitivamente como herói.

Gide (2002) diz que a história de Teseu é mais épica do que trágica e não o vê como um herói trágico, mas cercado de tragédias, pelas quais ele, Teseu, se recusa a ser responsabilizado. Gide dá um ponto de vista menos traumático da história do herói, pois sua obra é um monólogo autobiográfico de Teseu, o que acaba substituindo o suspense trágico do drama. Até a figura do Minotauro é vista

de maneira mais amena, não como uma criança monstruosa que nasceu do relacionamento de um ser humano com um animal, mas, aos olhos do tolerante rei Minos, foi o resultado da relação de sua esposa com um touro e, conseqüentemente, nasceu uma criatura exótica ao invés de assustadora. O próprio labirinto não é descrito como um lugar escuro e claustrofóbico, mas como um tipo de jardim do Éden. Para Gide, Teseu vivia a vida com intensidade, sem limites, sem compromissos. Era um homem de respeito e religioso, porém despojado, autônomo e que queria “seguir em frente”, sempre. Um herói que, apesar de todas as tragédias, não se arrependeu de nada do que fez e termina sua autobiografia dizendo: “I have lived.”

If I compare my own destiny with that of Oedipus, I am content: I have fulfilled it. Behind me, I leave the city of Athens. I have cherished it even more than I cherished my wife and my son. I have built my city. After me, it will be, immortally, a dwelling for my thought. It is with acquiescence that I approach death alone. I have tasted of the good things of earth. It is sweet for me to think that after me, because of me, men will see themselves as happier, better, and freer. For the good of future humanity, I have completed my work. I have lived. (Gide 2002, p. 51)<sup>6</sup>

No primeiro capítulo, falou-se do herói por acaso e do herói responsável e intencional. Para Brandão (1998), Teseu é definitivamente um dos melhores exemplos de herói intencional e cita sua penetração no labirinto para combater o monstro (Minotauro), tema exemplar das iniciações heróicas, e o rapto de Ariadne como provas de tal heroísmo. Gide (2002) na introdução de seu livro o define

---

<sup>6</sup> “Se eu comparar meu próprio destino com o de Édipo, estou contente. Eu realizei. Deixo para trás a cidade de Atenas. Eu me dediquei mais a ela do que a minha esposa e filho. Eu construí a minha cidade. Depois de mim, haverá, imortalmente, um lugar para minha lembrança. É com naturalidade que me aproximo da morte sozinho. Eu experimentei as coisas boas da Terra. É um prazer para mim, pensar que depois de mim, os homens verão a si próprios como mais felizes, melhores e mais livres. Para o bem do futuro da humanidade, eu completei a minha tarefa. Eu vivi.”

como “an affirmation of the Greek ideal of masculinity.”<sup>7</sup> e também deixa claro que o herói gostava de estar com várias mulheres, não se fixando somente com uma, quando menciona “As far as women are concerned, I’ve never been able to fix upon one. Aegeus sometimes held me back a little.”<sup>8</sup> Porém, a morte do Minotauro não é o episódio que mais demonstra o caráter guerreiro e valente de Teseu, mas sim um curioso incidente de sua infância.

Franchini e Seganfredo (2004) contam que o pequeno Teseu estava na casa de seu avô quando o velho recebeu a visita do maior de todos os heróis – Hércules. Teseu não podia acreditar que estava perante aquela lenda viva e ficou espiando-o juntamente com outras crianças. Assim que Hércules tirou sua pele de leão dos ombros e lançou-a para o mesmo canto onde se encontravam as crianças, todas saíram correndo, gritando por suas respectivas mães, exceto Teseu. Este foi à cozinha, pegou um machado, encarou a fera e jogou-se sobre a mesma como se estivesse enfrentando um leão de verdade.

Teseu cresceu então, cada vez mais famoso por suas façanhas, pois era dotado de uma força prodigiosa e sem saber que tão grandioso destino o esperava. Sentia que tinha o espírito e a alma de um herói, assim como Hércules.

Oh those first years lived in innocence! That carefree upbringing! I was the wind, the waves. I was a plant; I was a bird. I was not restricted to myself,

---

<sup>7</sup> “uma afirmação do ideal grego de masculinidade.”

<sup>8</sup> “No que diz respeito às mulheres, nunca consegui estar apenas com uma. Egeu teve que me controlar algumas vezes.”

and every contact with an external world did not so much teach me my limits as awaken in me a profound pleasure. (Gide 2002, p. 3)<sup>9</sup>

Teseu era filho de Egeu, rei de Atenas, e de Etra, filha do rei Trézen, por quem foi criado. Quando cresceu, conseguiu sem dificuldades encontrar as sandálias e espada que seu pai, quando se separou de Etra antes mesmo do nascimento do filho, colocou sob uma pedra e determinou à esposa que lhe mandasse o filho quando este fosse bastante forte para levantar a pedra.

Chegada à ocasião, a mãe de Teseu levou o filho até a pedra e Teseu, com facilidade, apoderou-se da espada e das sandálias. Foi ao encontro do pai pelo caminho mais perigoso, apesar de seu avô e mãe o aconselharem a ir por mar. No primeiro dia de viagem chegou a Epidauro, onde vivia um filho de Vulcano, Perifetes, selvagem feroz, sempre armado com uma clava de ferro, com a qual atemorizava os viajantes em seus atos de violência. Ao ver Teseu aproximando-se, ele o atacou, porém foi logo vencido pelo jovem herói que se apoderou de sua clava e guardou-a como lembrança de sua primeira vitória.

I had lived up until then, and went to join my putative father in Athens, I refused to heed the wise advice I was given, to go by ship, as the sea route was much the safest. I knew as much myself; but precisely because of its dangers, it was the land route, with its immense detour, that tempted me; it was an opportunity to prove my valour. (Gide 2002, p. 7)<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> “Ah aqueles primeiros anos vividos na inocência! Aquela educação em liberdade! Eu era o vento, as ondas. Eu era uma planta; um pássaro. Não tinha restrições, e cada contato com a natureza não só me ensinou os meus limites como fez despertar em mim um grande prazer.

<sup>10</sup> Já tinha cumprido todas as minhas obrigações até então, e fui encontrar aquele que diziam ser meu pai em Atenas. Recusei-me a seguir os sábios conselhos que me foram dados, a ir de navio, já que a viagem por mar era a mais segura. Eu sabia disto, mas justamente por causa dos perigos, a viagem por terra, apesar de mais longa, me tentou. Era uma oportunidade de provar minha valentia.

Ocorreram várias lutas semelhantes e em todas Teseu saiu vitorioso e finalmente chegou a Atenas, onde novas ameaças o aguardavam. Medeia, a feiticeira que fugira de Corinto, tornou-se esposa de seu pai, Egeu. Graças as suas artes, sabia quem Teseu era e receava perder a influência sobre o marido. Induziu mil suspeitas ao espírito de Teseu e conseguiu convencer Egeu a oferecer-lhe uma taça de veneno. No entanto, quando Teseu ameaçava tomar o veneno, seu pai reconheceu a espada que ele trazia na cintura e, conseqüentemente, percebeu que era seu filho e não deixou que tomasse o veneno. Medeia foi desmascarada, fugiu para a Ásia, onde posteriormente deu nome ao país chamado Média. Teseu foi declarado filho e sucessor de Egeu.

Os atenienses estavam em grande aflição por causa de um tributo que eram forçados a pagar a Minos, o rei da ilha-império Creta no período de sua supremacia comercial. Diz-se que esse rei contratou o celebrado artista-artesão Dédalo para construir um impressionante labirinto, com passagens ocultas, nas quais esconderia algo de que o palácio tinha vergonha e, ao mesmo tempo, medo. Pasífae, a rainha, havia sido seduzida por um touro magnífico enquanto o rei andava às voltas preocupado com importantes guerras destinadas a proteger as rotas comerciais. A rainha deu a luz então a um monstro, uma criança com corpo humano, mas cabeça e cauda de touro - o Minotauro. Ele foi instalado no labirinto de Dédalo e passou a ser alimentado com grupos de rapazes e moças levados como um tributo pelas nações conquistadas no âmbito do domínio de Creta. Os atenienses deveriam enviar anualmente sete jovens e sete donzelas para serem devorados pelo Minotauro, muito forte e feroz.

Teseu resolveu ajudar seus patrícios a se livrarem deste pesadelo. Assim, quando chegou a ocasião de enviar os jovens ao labirinto, ofereceu-se como uma das vítimas, apesar de seu pai implorar para que ele não fosse.

I demanded to take part in the process, notwithstanding the resistance of the King, my father... I will have nothing to do with privilege, and the only way I seek to be distinguished from the common run of men is through my valor. Also, it was my plan to triumph over the minotaur and thus liberate that abominable form of taxation. (Gide 2002, p. 9)<sup>11</sup>

O navio partiu com velas negras, como era de costume, as quais Teseu prometeu ao pai trocar por brancas, caso regressasse vitorioso. Quando chegaram a Creta, os jovens foram exibidos perante Minos, sua esposa e filhas. Uma delas, Ariadne, apaixonou-se perdidamente por Teseu assim que o avistou, e ele, também se sentiu atraído pela moça. Ela conseguiu falar com ele e declarou que lhe ajudaria a sair vivo do labirinto, desde que ele promettesse leva-la de Creta e casar-se com ela. Ela deu-lhe uma espada, com a qual poderia enfrentar o Minotauro, e um novelo de fio de lã, com o qual poderia achar a saída do labirinto. Além da espada e novelo, Ariadne também apresenta Teseu a Dédalo, e conseqüentemente, consegue saber mais sobre a estrutura do labirinto.

You can't have the least Idea of how complicated it is, this labyrinth. Tomorrow, I will introduce you to Daedalus, and he'll explain everything to you. He's the one who built it; but even he can't find his way round it any more. (Gide 2002, p. 20)<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> E exige fazer parte do grupo, desobedecendo a vontade do Rei, meu pai... Não terei nada do que me orgulhar e a única maneira que busco para me distinguir dos outros homens é através de minha valentia. Além disto, eu já planejava vencer o Minotauro e com isso libertar-nos daquela forma de pagamento abominável.

<sup>12</sup> Você não pode imaginar o quão complicado este labirinto é. Amanhã, vou apresenta-lo a Dédalo e ele explicará tudo a você. Ele o construiu e ele mesmo não consegue mais se achar dentro do labirinto.



Teseu entra no labirinto e Ariadne fica do lado de fora segurando uma das pontas do novelo de fio. Teseu consegue matar o monstro e sair do labirinto graças à ajuda da moça. Sem aguardar a reação do rei Minos, partiu da ilha em companhia daquela que os salvara, a ele e aos belos jovens e donzelas atenienses, que se apressaram a festejar o fim do pesadelo. No caminho para Atenas, pararam na ilha de Naxos, onde Teseu abandonou Ariadne, enquanto ela dormia; explorou seu amor para atingir seus objetivos e logo depois a traiu.

Cada autor dá uma explicação diferente para este abandono. Brandão afirma que há duas possibilidades para tal: ou Teseu amava Egle, filha de Panopleu, ou foi forçado a deixá-la em Naxos porque Dionísio se apaixonara por ela. Bulfinch diz que a desculpa de Teseu para este ato de ingratidão para com sua benfeitora foi que a deusa Minerva lhe aparecera num sonho e lhe ordenara que fizesse isso. Já Gide retrata Ariadne como uma mulher astuta, ousada, possessiva, excessivamente sentimental e desagradável.

What you have to understand straight away is that your only chance lies in never leaving me. Between you and me, from now, it is, it must be: till death us do part. It's only thanks to me, through me, in me, that you will be able to rediscover yourself. You can take it or leave it. If you leave me, woe

She insisted on tying the end of the thread to my wrist herself, by a knot which she claimed was conjugal; then she pressed her lips to mine for a time that seemed to me interminable. I was longing to get going. (2002, p. 32)<sup>14</sup>

Some people subsequently reproached me for my behavior towards Ariadne. They said that I had acted in a cowardly way; that I shouldn't have abandoned her, or at least not on an island. True; but I really wanted to keep the sea between us. She was pursuing me, chasing me, hunting me down. (2002, p. 39)<sup>15</sup>

Enquanto Gide passa uma idéia negativa a respeito de Ariadne e demonstra que Teseu abandonou-a intencionalmente, Brandão diz que o herói estava triste com a perda de sua amada.

Ao aproximar-se da costa da Ática, Teseu esqueceu-se do sinal que combinara com seu pai e não içou as velas brancas; o velho rei, julgando que seu filho morrera, pôs fim à própria vida, atirando-se no mar, que recebeu seu nome. Foi assim que Teseu se tornou rei de Atenas. Tal tragédia é vista por Brandão e Bulfinch como realmente um ato de esquecimento por parte de Teseu. Porém, Gide dá a entender que o ato foi proposital. “But to tell you the truth, if I scrutinize my own feelings – something I never really like doing – I can't swear that it was really a case of forgetting.” (2002, p. 5)<sup>16</sup>

---

Eu não te prometi absolutamente nada, e meu desejo é permanecer livre. Minha prioridade é para comigo mesmo.

<sup>14</sup> Ela insistiu em amarrar a ponta do novelo no meu pulso com um laço ela chamou de matrimonial; então ela pressionou seus lábios contra os meus por um tempo que me pareceu interminável. Eu não via a hora de partir.

<sup>15</sup> Algumas pessoas posteriormente criticaram minha atitude para com Ariadne. Disseram que eu agi de uma maneira covarde ; que não deveria tê-la abandonado, ou pelo menos não na ilha. Verdade; mas eu realmente queria manter o mar entre nós. Ela estava me pressionando, perseguindo, tentando me prender de qualquer maneira.

<sup>16</sup> Mas para falar a verdade, se eu analisar os meus próprios sentimentos, algo que nunca gosto de fazer, eu não posso jurar que foi realmente um ato de esquecimento.

## 2.3 VIAGEM À GRÉCIA

“A Grécia foi o Sítio do Pica-Pau Amarelo da antiguidade, foi a terra da Imaginação às soltas. (...) Viva o Sítio do Pica-Pau Amarelo da antiguidade!” (Min)

Tia Nastácia desapareceu quando os monstros da Fábula interromperam violentamente o casamento de Branca de Neve com o príncipe Codadade. Os outros personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo conseguiram salvar-se pela fuga, a bordo de “O Beija-flor das Ondas”, a antiga “Hiena dos Mares” do célebre Capitão Gancho, “mas a pobre tia Nastácia, que se distraíra nas cozinhas do palácio com o assamento de mil faisões, perdeu-se no tumulto”. Porém, mais uma vez, Pedrinho tem uma idéia brilhante:

Nada de lágrimas pessoal! Dizia ele. O que temos a fazer é organizar uma expedição para o salvamento de tia Nastácia. Se está viva nas unhas de algum monstro, havemos de libertá-la, custe o que custar. (Min, 2002, p. 7).

Dona Benta decide partir então com os meninos para a Grécia, a bordo de “O Beija-flor das Ondas”. Eles acreditam que Tia Nastácia tenha sido “raptada” pelo Minotauro, que a aprisionou no labirinto de Creta onde vivia.

Lobato utiliza-se da história do Minotauro, da mitologia grega, para contar a história da Grécia Antiga a seus leitores. O texto lobatiano é um verdadeiro curso de mitologia, e a riqueza de detalhes inseridos pelo autor nesta história é tão grande que o leitor consegue imaginar-se sentado dentro de “O Beija-flor das Ondas”, ouvindo as explicações de Dona Benta. “Dona Benta suspirou. Para

chegar a uma coisa tinha que dar mil voltas explicativas de outras. Os meninos faziam questão de tudo bem esclarecidinho.” (Min, p. 12)

Desde o início da viagem, Lobato contrasta o mito e a realidade, os deuses e suas personagens, o passado e o futuro, a Grécia Antiga, tão maravilhosamente descrita, com a Grécia atual, que o autor aproveita para sutilmente menosprezar.

Mas para que Grécia? Há duas - a Grécia de hoje, um país muito sem graça, e a Grécia antiga, também chamada de Hélade, que é a grande Grécia imortal povoada de deuses e semideuses, de ninfas e heróis, de faunos e sátiros, de centauros e mais monstros tremendos, como a Esfinge, a Quimera, a Hidra, o Minotauro. Oh, sim, lá é que era a grande Grécia imortal. A de hoje só tem uvas e figos secos – e soldados de saio. (Min, p. 8)

Dona Benta descreve a Grécia como um país muito pequeno, porém de extrema importância.

A Grécia de hoje, meus filhos, é um dos pequenos países da Europa, com 116 mil quilômetros quadrados e menos de 5 milhões de habitantes. (...) e tornou-se o maior povo da antiguidade pelo brilho da inteligência e pelas realizações artísticas. (Min, p. 8)

E continua:

- E no pensamento então? A maior parte das nossas idéias vem dos gregos. Quem estuda os filósofos gregos encontra-se com todas as idéias modernas, ainda as que parecem mais adiantadas.

- Então, vovó, a Grécia foi mesmo uma danadinha...

- Se foi! Por isso falam os sábios do “milagre grego”. Acham que aquilo foi um verdadeiro milagre da inteligência humana. Um foco de luz que nasceu na antiguidade e até hoje nos ilumina. (Min, p. 10)

Diz que o nosso mundo atual está impregnado pela Grécia. “A Grécia está no nosso idioma, no nosso pensamento, na nossa arte, na nossa alma; somos muito mais filhos da Grécia do que de qualquer outro país” (Min, p. 8). A avó dos meninos, com a ajuda de Pedrinho, fala da influência da Grécia na nossa língua. “A língua que falamos está toda embutida de palavras gregas. (...) Não tem conta o número de palavras que usamos a todo instante e que tem origem grega...”. (Min, p. 8) Narizinho cita exemplos como geografia e gramática.

Logo no início da viagem, Dona Benta e as crianças definem com naturalidade alguns vocábulos, e, dão grande ênfase aos deuses e deusas da Grécia Antiga.

- (...) Demóstenes, que foi o maior orador da Grécia. (...) O que é himeneu?
- Casamento?
- Sim. Hoje quer dizer casamento, mas na Grécia Antiga era o nome do deus do casamento – filho de Baco e Vênus. (...) Apolo foi o deus grego da música, das artes e da eloquência. (...) Aurora era a deusa grega da manhã.
- (...) Himeto era um monte famoso pelo seu mel e pelos seus mármore. E Eros não passa do nome grego de Cupido. (Min, p.8)

Apolo é citado pelo narrador como um deus “belo, extraordinariamente belo” (Min, p. 53) e Pedrinho acrescenta: “Esse é o mais sábio de todos. Repare Emília como Zeus se mostra satisfeito com o que está ouvindo. Apolo é um danado para prever o futuro.” (Min, p. 53).

Emília fica confusa ao ouvir que Eros seria o Cupido. “Que história é essa? – berrou Emília? O tal deusinho do amor, afinal de contas, é Eros ou Cupido?”.

Dona Benta diz então: “É Eros na Grécia e Cupido entre os latinos.” (Min, p. 8). Emília chama Vênus, que na Grécia é Afrodite, de “a mãe do Cupido” (Min, p. 54) por ser ela a mãe de Eros. O Dicionário de Mitologia (p. 43) afirma ser Cupido, bem mais que o Eros grego, a personificação da paixão arrebatadora. O Cupido é representado como uma criança alada, nua, armada com arco e flecha ou com elmo, espada e escudo. O mesmo Dicionário de Mitologia (p. 63) afirma que Eros é uma das divindades primordiais. Segundo Hesíodo, nasceu ao mesmo tempo em que a Terra e saiu do Caos primitivo (como tal era adorado em Téspias sob a forma de uma pedra bruta). Segundo os órficos, nasceu do Ovo primordial, engendrado pela Noite, e caras metades, ao se separarem, formaram a Terra e o Céu. Eros é a virtude atrativa que leva as coisas a se juntarem, criando a vida e assegurando a coesão interna do Cosmos. No Banquete de Platão, Eros aparece como um "dáimon" (força espiritual misteriosa), intermediário entre os deuses e os homens. Segundo Platão teria nascido da união de Poros (Recurso) e Pênia (Pobreza), no jardim dos deuses, após um festim para o qual foram convidadas todas as divindades. Longe de ser um deus poderoso, é uma força sempre insatisfeita e inquieta.

Dona Benta aproveita para explicar porque os mesmos deuses têm nomes diferentes na Grécia e em Roma.

Com a mudança para Roma, depois que Roma conquistou a Grécia, os deuses gregos mudaram de nome. Zeus o pai de todos, virou Júpiter; Ártemis virou Diana; Palas Atena virou Minerva; Heracles virou Hércules – e assim por diante. (Min, p. 8)

Os personagens de Lobato seguem a conversa falando da origem das palavras porque muitas palavras que utilizamos no nosso dia-a-dia vêm do grego. Dona Benta surge com um neologismo ao utilizar a palavra “greguismos” por helenismos para definir a palavra “eco”.

Até a pobre Tia Nastácia de vez em quando vem com uns greguismos, como daquela vez que disse: 'Quando na pedreira a gente faz oh, o eco responde lá longe.' Ela sabe que tem nome de eco a voz que bate num obstáculo e volta, mas não sabe que a palavra se originou do nome da ninfa Eco, uma que falava pelos cotovelos e de tanto falar incorreu na ira da deusa Hera, a qual a transformou em voz sem corpo, isto é, no que chamamos de eco. (Min, p. 10)

Em seguida, definem “paquiderme” e “rinoceronte”.

- (...) Paquiderme é uma palavra que vem do grego pachy grosso, e derm, pele ou couro.
- Casca grossa – disse Emília.
- E rinoceronte é palavra que vem do grego rhinoceros: - rhino, nariz; e ceros, chifre. O bicho de chifre no nariz. (Min, p. 10)

Como foi mencionado anteriormente, Lobato quer contar a história da Grécia e para isso volta no tempo com seus personagens, ou seja, transporta-os para o passado, “pulando por cima da Grécia de hoje”, como diz Pedrinho à avó quando a mesma não sabia como chegariam à Grécia Antiga. O autor põe em confronto os modernos com os antigos, fazendo-os tomar consciência da relatividade dos tempos futuro, presente e passado.

Antes de atingirem o ponto de partida da história, o início da civilização grega, Dona Benta conta quem foi Péricles, pois para ela, o tempo de Péricles foi o mais interessante de toda a história da Grécia.

Péricles foi um homem de tantos méritos que chegou a dar seu nome ao século. Ninguém fala da antiguidade sem referir-se ao século de Péricles que foi o quinto século antes de Cristo. (...) Péricles nasceu no ano de 495 antes de Cristo. (...) Péricles tinha uma cabeça como a do Totó Cupim, isto é, com uma bossa no cocuruto. Por isso só se deixava retratar de capacete na cabeça. Tirante esse pequeno defeito, era um homem de grande beleza física, dessas que se aproximam da beleza olímpica. (...) A inteligência de Péricles pertencia à classe das verdadeiras, das que penetram no fundo das coisas e compreendem. Por isso foi o maior homem de seu tempo, o maior orador, o maior estrategista, o maior estadista que governou Atenas por vontade expressa do povo. (...) Graças a Péricles, Atenas se transformou numa obra-prima de arquitetura e escultura. (Min, p. 11, 12, 13) (grifos do autor)

Os autores e obras que tomamos como referência para realizar este estudo, não mencionam Péricles, pois ele não está relacionado à mitologia, deuses, deusas e Entes Sobrenaturais, mas sim à realidade, aos seres humanos. Foi um grande, se não o maior governador de Atenas, como diz Lobato, pela voz de Dona Benta.

Antes de desembarcar seus personagens na Grécia, Lobato traz algumas definições de suma importância para que o leitor entenda como tudo começou. A beleza olímpica, o Olimpo, seus deuses e seu governador, a Tessália e, por fim, uma comparação da Grécia com o Sítio do Pica-Pau Amarelo são informações essenciais e transmitidas com extrema clareza para o leitor.

- Que tipo de beleza é esse?
- A beleza olímpica é a que se caracteriza pela serenidade da força e o perfeito equilíbrio de tudo. Sentimos tal beleza diante das estátuas que representam os deuses do Olimpo.
- E que Olimpo é esse?
- Um monte que havia na Tessália.
- E que Tessália era essa?



Dona Benta suspirou. Para chegar a uma coisa tinha de dar 4 mil voltas explicativas de outras. Os meninos faziam questão de tudo muito bem esclarecidinho.

- A Tessália era uma das partes da Grécia, a qual, como vocês sabem, se compunha de diversos estados independentes, mas unidos pela mesma língua, mesma cultura e a mesma religião. Havia a Tessália, o Peloponeso, a Helas e o Epiro, partes, por sua vez, divididas em pequenas repúblicas, como a famosa Ática, de que Atenas era a capital, e a terrível Esparta.

- Bem, continue com o Olimpo.

- Como eu ia dizendo, o Olimpo foi até certo período a morada dos deuses gregos, porque no fim eles acabaram mudando-se para o céu. O governador supremo do Olimpo chamava-se Zeus, que era o deus dos deuses, e mais tarde virou Júpiter, em Roma. (Min, p. 12)

A Grécia, meus filhos, foi o Sítio do Pica-Pau Amarelo da antiguidade, foi a terra da Imaginação às soltas. Por isso floresceu como um pé de ipê. (...) A vida lá era um prazer – era o prazer dessa mesma liberdade que vocês gozam no sítio. O prazer de sonhar e criar a verdade e a beleza. Nunca houve no mundo tão intensa produção de beleza como na Grécia – e o que ainda há de beleza no mundo moderno é pálida herança da vida de lá. (Min, p. 14)

A definição de “deus” dada por Lobato é muito objetiva e nenhuma das obras de mitologia pesquisadas, nem mesmo o Dicionário de Mitologia, conseguem atingir uma tão simples definição de um “deus”. Lobato define não apenas o vocábulo deus, mas também compara um deus a um mortal, que possui preocupações e medos. Para caracterizar os mortais, Lobato utiliza-se de três lexis em trilogia: Moral, Medo e Material.

... deuses, isto é, criaturas imortais e em tudo superiores aos homens, tinham o seu tipo especial de beleza – justamente a chamada beleza “olímpica”, isto é, a beleza serena de quem vive liberto das preocupações do medo. Um “mortal”, por mais belo que seja, rarissimamente poderá revelar a beleza olímpica, porque tem o físico marcado pelas preocupações morais e materiais do mundo, filhas do medo. Com os deuses não era assim. Preocupações morais, nenhuma; eles estavam

acima da Moral e do Medo. Cuidados materiais, também nenhuns; eles desconheciam as doenças e alimentavam-se da maravilhosa ambrosia. Para bebida tinham o néctar. (Min, p. 12)

A partir de então, Lobato consegue situar o leitor que não sabe absolutamente nada da história da Grécia e, desenvolve um texto rico e cheio de detalhes históricos, no qual ele aproveita para criticar o futuro e gloriar o passado.

## 2.4 DESEMBARQUE NA GRÉCIA ANTIGA

“Estes gregos não carregam nada – só trazem para a rua a sua beleza; o seu sossego e sua serenidade, coisas que não precisam de bolsos.” (Min)

Para penetrarem na Grécia antiga, na Grécia de Péricles, todos fecharam os olhos e fizeram tchibum! A partir deste momento, momento em que os personagens abrem os olhos, Lobato descreve com detalhes tudo que estava ao alcance dos olhos de cada um deles. O leitor consegue imaginar-se no porto de Pireu, primeiramente no atual e depois no antigo. Até mesmo o vestuário das pessoas é meticulosamente descrito.

Dona Benta desceu ao cais com os netos, a Emília e o Visconde fardado de comandante; e a primeira coisa que notou foi a moda da gente do porto. Tudo diferente das modas modernas. Nada de calças e paletós para os homens, e blusas e saias para as mulheres. Os homens vestiam uma túnica de nome chiton. (Min, p. 14)

Lobato mostra-se, através das falas de Pedrinho e Dona Benta, contra o progresso mecânico, as invasões das máquinas e define um automóvel com um “minotauro mecânico”.

(...) Que maravilha! Agora compreendo por que esta gente pensou tantas coisas bonitas – é que não vivia atropelada, como nós, pelas horríveis máquinas que o demônio do progresso inventou. (...)

Dona Benta concordou que o progresso mecânico só servia para amargar a existência dos homens. As ruas, feitas originalmente para os pedestres, foram invadidas pelas máquinas de correr e de empestar o ar com o fedor da gasolina – máquinas tremendamente destruidoras, que fazem mais vítimas num ano do que as fizeram na Grécia Antiga todos os Minotauros e Quimeras. (Min, p. 15)

É curioso, pois Lobato escreveu essa história em 1939, o que prova que ele era um homem extremamente avançado para sua época, assim como Charles Chaplin em seu filme Tempos Modernos de 1936. As obras de Lobato tiveram uma influência forte do cinema.

(...) Teria de fazer um verdadeiro curso de história; contar todo o desenvolvimento do mundo desde o ano de 438 antes de Cristo, que era aquele, até 1939 depois de Cristo, que fora o da sua partida do sítio; narrar a descoberta da América pelo Senhor Cristóvão Colombo; e a do Brasil pelo Senhor Cabral; e esclarece-los sobre todas as invenções realizadas, desde a da pólvora até a da televisão – explicar o automóvel, o cinema, o rádio, o fósforo, o açúcar, as geladeiras, a correria moderna, a aflição dos povos, a guerra da Espanha e da China, os aviões que lançam bombas nos inocentes, os submarinos que afundam navios de passageiros – tudo, tudo, tudo. E tudo inútil, porque aqueles gregos não compreenderiam nada de nada. (Min, p. 16)

Em 1917, Monteiro Lobato escreveu uma crítica devastadora da exposição da então estreante Anita Malfatti intitulada de “Paranóia ou mistificação?”. Esta crítica rendeu ódio eterno dos modernistas a Lobato. Lobato dizia que “futurismo, cubismo, impressionismo e tutti quanti não passam de outros tantos ramos da arte caricatural.” Esta crítica continua ao longo de seu texto O Minotauro. O autor critica tudo o que é moderno; a arte moderna, o mundo moderno. Faz críticas implícitas ao Modernismo e a religião e, lamenta que o homem dos tempos

modernos não poderá ver as maravilhas da Grécia antiga, pois ele mesmo as destruirá.

- Como? Não admite então que nestas estátuas há o máximo de beleza que os escultores já conseguiram?

- Admito sim – mas sei que no futuro isto será motejado, e esta beleza substituída por outra, isto é, pelo horrendo grotesco que para os meus modernos constituirá a última palavra da beleza. Como prova do que estou dizendo vou mostrar um papel que por acaso tenho aqui na bolsa – e Dona Benta tirou da bolsa uma página de “arte moderna”, onde havia a reprodução dumas esculturas e pinturas cubistas e futuristas.

(...) Totalitarismo, cubismo, futurismo... Pobre humanidade! (Min, p. 26)

- Que maravilha! –exclamou Dona Benta deslumbrada. – Tudo ouro, marfim, pedras preciosas e arte – a mais requintada das artes... E pensarmos que este prodígio não chegará aos tempos modernos – será um caminho destruído pela bárbara rudeza dos fantásticos... Martelos e picaretas desfarão tudo isto, de modo que a posteridade só conhecerá esta maravilhosa Palas Atena através das descrições. A obra de Fídias será vítima do muito ouro nela empregado... (Min, p. 35)

- Que pena meu Deus! Que pena os modernos só conhecerem as ruínas deste primor! A estupidez humana! O fanatismo religioso! Quantas e quantas maravilhas, únicas no mundo, não foram boçalmente destruídas por esses dois cascos de cavalo... (Min, p. 38)

Dona Benta explica para Pedrinho que um gênio grego chamado Sólon criou a democracia, endireitou o país e deu aos gregos a verdadeira liberdade. Ela recita um poema de Sólon que todas as crianças gregas sabiam de cor: “Aos que sofriam o jugo da escravidão e tremiam diante dum senhor, eu dei a independência. E tomo testemunho dos deuses ao afirmar que a terra da Grécia, da qual arranquei os grilhões, hoje é livre.” (Min, p. 13). Há aqui um forte protesto de Lobato contra a situação política no Brasil naquela época. De 1937 a 1945, instalou-se a fase da ditadura no Brasil, na qual Getúlio Vargas, presidente na ocasião, decretou o estado novo. O autor sofrera muito. Foi perseguido, preso, criticado e obrigado a sair do país por um tempo. Exilou-se na Argentina, pois não

podia dizer o que pensava. Era extremamente contra os líderes do Brasil que estavam no poder e, através de suas histórias e personagens transmitia sua opinião. Deixa explícito em seu texto, a importância da liberdade.

Porque para o homem o clima 'certo' é um só: o da liberdade. Só nesse clima o homem se sente feliz e prospera harmoniosamente. Quando muda o clima e a liberdade desaparece, vem a tristeza, a aflição, o desespero e a decadência. Como dou a vocês a máxima liberdade, todos vivem no maior contentamento, a inventar e realizar tremendas aventuras. Mas se eu fosse uma avó má, das que amarram os netos com os cordéis do 'não pode' – não pode isto, não pode aquilo, sem dar as razões do 'não pode' – vocês viveriam tristes e amarelos, ou jujurus, que é como ficam as criaturas sem liberdade de movimentos e sem o direito de dizer o que sentem e pensam." (Min, p. 13, 14) (grifos do autor)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise do texto *O Minotauro*, de Monteiro Lobato, e dos textos da mitologia grega escritos pelos autores A. S. Franchini, André Gide, Carmen Seganfredo, Joseph Campbell, Junito Brandão, Odile Gandon, Thomas Bulfinch e Viktor D. Salis, percebe-se que o texto lobatiano traz à tona a história da mitologia grega com mais propriedade do que os demais. Prova disso é a riqueza dos detalhes, os quais permitem a inserção do leitor na obra, conforme preconiza o próprio autor: “ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar”.

Os demais autores analisados, com exceção de André Gide, contam apenas a história do Minotauro em si; quem foi Teseu, Ariadne, a figura do labirinto de Creta e a tragédia com a morte de Egeu, pai de Teseu. Já a obra de André Gide é um monólogo autobiográfico de Teseu, antes e depois do Minotauro, e o autor dá um ponto de vista menos traumático da história do herói.

Diferentemente dos outros autores, Lobato usa a figura do Minotauro e, conseqüentemente, do labirinto, para contar a história da Grécia Antiga, excluindo a figura de Teseu, que matou o monstro. A fim de dar um ar heróico à narrativa, visto não existir tragédia sem herói, o autor uniu a sabedoria do Visconde de Sabugosa, a curiosidade de Emília e a esperteza de Pedrinho e transformou-os nos heróis da história, responsáveis e intencionais, salvando a Tia Nastácia das

garras do Minotauro. Por esse motivo, ignora a figura de Teseu, pois quer que seus personagens sejam os heróis.

A intertextualidade do texto lobatiano é tanto de forma quanto de conteúdo, pois trata de uma tragédia e remete à mitologia grega. Ocorre de maneira explícita.

Em O Minotauro, Monteiro Lobato produziu uma vasta e original literatura infanto-juvenil, em que estão presentes o caráter moralista e doutrinário e sua luta pelos interesses da nação, evidenciados pelas críticas implícitas à religião, à política e ao progresso desenfreado. Destaque-se que, à época, a liberdade de expressão era praticamente anulada pela ideologia getulista. Ao mesclar seus personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo aos heróis da mitologia grega, Lobato faz com que a história seja fixada em nossa mente de maneira mais fácil, mencionando, inclusive, fatos relacionados ao progresso, ao Modernismo e aos problemas sócio-político e ambientais brasileiros. Sua intenção com esta viagem à Grécia era explorar o aspecto cultural Brasil/ Grécia.

Convém ainda destacar que, na obra lobatiana, há a busca da verdade a fim de compreender a história da humanidade, mesclando o conceito de mito e de realidade, do fantástico com o real. Movimentos insinuados, gestos, visões capazes de intimar imagens aparem como grande frequência em seu texto, como o fio do novelo o desenrolar das fantasias.

Em vista do exposto, o presente trabalho possibilitou uma análise da obra lobatiana sob a perspectiva intertextual, um aprofundamento cultural e uma nova visão da obra lobatiana.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### LIVROS

AZEVEDO, Carmen Lúcia de, CAMARGOS, Márcia Mascarenhas de Rezende, SACCHETTA, Vladimir. Monteiro Lobato: Furacão de Botocúndia. São Paulo: Ed. Senac, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de, FIORIN, José Luiz. Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade. 2ª. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. 8ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 3v.

BULFINCH, Thomas. O Livro de Ouro da Mitologia. 2ª. ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

CAMPBELL, Joseph, MOYERS, Bill. O Poder do Mito. 23ª. ed. São Paulo: Palas Athena, 2005.

\_\_\_\_\_. The Power of the Myth. 1ª. ed. Londres: Doubleday, 1988.

CARDOSO, Zélia de A. Mito, Religião e Sociedade. 1ª. ed. São Paulo: SBEC, 1991.

CAVALHEIRO, Edgar. Monteiro Lobato – Vida e Obra. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952. 2v.

CIRLOT, Juan-Eduardo. Dicionário de símbolos. 2ª ed. São Paulo: Ed. Moraes, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil das Origens Indoeuropéias do Brasil Contemporâneo. 4ª. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. Literatura Infantil Teoria, Análise, Didática. 5ª. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira. São Paulo: Edição da Universidade de São Paulo, 1995.

DICIONÁRIO DE MITOLOGIA GRECO-ROMANA. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

DICIONÁRIO DE MITOS LITERÁRIOS. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. 5ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

\_\_\_\_\_. O Sagrado e o Profano. 1ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. Tratado de História das Religiões. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FRANCHINI, A. S., SEGANFREDO, Carmen. As 100 Melhores Histórias da Mitologia. 6ª. ed. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GANDON, Odile. Deuses e Heróis da Mitologia Grega e Latina. 1ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GIDE, André. Theseus. 1<sup>a</sup>. ed. Londres: Hesperus, 2002.

HALLAM, Elizabeth. O Livro de Ouro dos Deuses e Deusas. 2<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Ediouro, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça, TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A Coerência Textual. 8<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 1997.

KRISTEVA, Julia. História da Linguagem. 1<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Edições 70, 2003.

LOBATO, José Bento Monteiro. A Barca de Gleyre. São Paulo: Brasiliense, 1956. 2 v.

\_\_\_\_\_. A Chave do Tamanho. 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

\_\_\_\_\_. Emília no País da Gramática. 2<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

\_\_\_\_\_. Fábulas. 7<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

\_\_\_\_\_. O Minotauro. 27<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MELLONI, Rosa Maria. Monteiro Lobato: a saga imaginária de uma vida. São Paulo: Ed. Plêiade, 1998.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Os Filhos De Lobato: O Imaginário Infantil na Ideologia do Adulto. Rio de Janeiro: Dunya Editora, 1997.

POUZADOUX, Claude. Contos e Lendas da Mitologia Grega. 1ª. ed. São Paulo: Cia.das Letras, 2004.

SALIS, Viktor D. Mitologia Viva – Aprendendo com os Deuses a Arte de Viver e Amar. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

#### ARTIGOS EM REVISTAS

BORGES, Maria Zélia. Exatidão e Liberdade na Linguagem de Monteiro Lobato. Todas as Letras A, São Paulo, 1999.

BORGES, Maria Zélia. Vocabulário de Monteiro Lobato em duas de suas obras destinadas à criança. Todas as Letras D, São Paulo, 2002.

GOUVEIA, Julio. De Dona Benta a Emília, o feminista Lobato. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 18 abr. 1978.

SANTILLI, Maria Aparecida. Guimarães Rosa e Monteiro Lobato: Uma Aproximação Insólita. SCRIPTA, Belo Horizonte, 1º Semestre 2002.

SCAVONE, Miriam. A volta do pirlimpimpim. Veja São Paulo, São Paulo, 20 abr. 1998.

#### DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

<http://lobato.globo.com/> acesso em 24 abr. 2005.

[http://www.infonet.com.br/users/stocker/monteiro\\_lobato.htm](http://www.infonet.com.br/users/stocker/monteiro_lobato.htm) acesso em 15 set. 2005.

[http://www.jcf.org/about\\_jc.php](http://www.jcf.org/about_jc.php) acesso em 10 jul. 2005.

<http://www.lobato.com.br/fotos-emília.htm> acesso em 02 abr. 1999.

<http://www.lobato.com.br/arquivos/arquivo5.htm> acesso em 02 abr. 1999.

<http://www.lobato.com.br/arquivos/arquivo6.htm> acesso em 02 abr. 1999.

<http://www.lobato.com.br/arquivos/arquivo6a.htm> acesso em 02 abr. 1999.

<http://www.pitoresco.com/brasil/anita/lobato.htm> acesso em 10 dez. 2005.

<http://www.suapesquisa.com/vargas/> acesso em 10 jul. 2005.

[http://www.vidaslusofonas.pt/monteiro\\_lobato.htm](http://www.vidaslusofonas.pt/monteiro_lobato.htm) acesso em 5 dez. 2005.

## ANEXO 1 – COLEÇÃO DE DEFINIÇÕES PECULIARES E/OU IRREVERENTES DE MONTEIRO LOBATO EM SUA OBRA **O MINOTAURO**

Afrodite/ Vênus: “(...) Vênus, a maravilhosa esposa de Vulcano (...) - O nome dela aqui é Afrodite – explicou Pedrinho. – (...) É a mais estimada no Olimpo e a que mais lida com as criaturas da terra. Intrometidíssima. Mete o bedelho em todos os negócios do coração”. (p.54)

Agora: “‘Isto por aqui é o Ágora, a sala de visitas da cidade, onde os gregos se reúnem para debater os negócios públicos e particulares’. Os meninos olharam. Era uma praça cheia de edifícios públicos, templos, casas de negócios. O coração cívico da cidade. Disse Pedrinho: ‘... Aqui está tudo que é comum a todos; o resto da cidade é particular. Até lojas – vejam...’. Narrador: sim, era ali também o centro comercial, com as tendas de tecidos, vasos, gêneros de alimentação e todas as mais coisas que se vendem. Também era no Agora que se realizavam certas votações”. (p.17)

“Para matar o tempo de espera Pedrinho foi contando à preta o que era o Ágora - a sala de estar da cidade. Todos se reuniam ali para os negócios, as palestras, as mexericagens - e até para dar lições de filosofia, como Sócrates”. (p.102)

Água: “A água é composta de elementos (...) de hidrogênio e oxigênio. A fórmula química da água é H<sup>2</sup>O, aprenda”. (p.28)

Alcebíades: “Será por acaso o famoso general ateniense que encheu esta Grécia com a sua beleza, o seu gênio e as suas loucuras?(...) Iria ser o mais belo homem de seu tempo (...)”. (p.64)

Alcmena: “Hércules, filho de Zeus e duma mortal de nome Alcmena”. (p.52)

Alegorias do Frontão Oriental: “A representação do nascimento de Palas Atena, obra de Fídias”. (p.30)

Almatéia: “(...) cabra Almatéia que havia aleitado Zeus.” (p.37)

Almirante: “Sentado à proa do iate estava o Excelentíssimo Senhor Marquês de Rabicó, de boné de Imediato na cabeça e binóculo em punho. De vez em quando olhava ao longe, displicentemente,

- O malandro! – exclamou Pedrinho. – Vejam a importância dele, a bancar o almirante.” (p.39)

Almoço: “(...) pão, queijo, mel, vinho, uvas e figos, todos comiam com as mãos”. (p.22 e 23)

Amazonas: “As amazonas moram nas encostas do Monte Termodonte, num reino só de mulheres. (...) são guerreiras invencíveis (...)”. (p.77)

Ambrosia: “Creme divino feito de milho. Emília exclama para Pedrinho: ‘- Curau de milho verde, Pedrinho! Curau do bom, mas muito melhor do que o da tia Nastácia,’ segundo Emília”. (p.55)

“(...) saber a verdade a respeito do tal néctar e da tal ambrosia. (...) Já da ambrósia não faço a menor idéia.

- (...) em tempo algum, houve mortal que subisse ao Olimpo e conhecesse a bebida e a comida dos deuses.” (p.43)

“- E a ambrosia? Chegaram também a vê-las?

- Oh, sim! – respondeu Emília – E comemos um bom pedaço. É tal qual curau de milho verde. Não trouxemos amostra de medo que azedasse.” (p.104)

Anaxágoras: “Anaxágoras, outro grande amigo e mestre de Péricles, foi denunciado como ímpio – e muito custou obter a sua absolvição.” (p.30)

Antropófago: “- Mas ele é touro, e os touros também comem sabugos.

- Menos este, que é antropófago. Vá sem medo.” (p.93)

Apolo: “O orador também se referiu ao ‘carro de Apolo’; Apolo foi o deus grego da música, das artes e da eloqüência.” (p.8)

“Mais um deus surgiu – belo, extraordinariamente belo.

- Apolo, juro! – exclamou Pedrinho (...) – Esse é o mais sábio de todos (...). Apolo é um danado para prever o futuro.” (p.53)

Aristarco: “(...) quem primeiro lançou a hipótese dos movimentos da terra foi Aristarco, um grego de Samos.” (p.29)

Aristófanes: “O implacável Aristófanes persegue-lhe a esposa – Aspásia - com infames ironias em suas comédias”. (p.30)

Aristóteles: “(...) e até o grande filósofo Aristóteles, que para os gregos de hoje ainda vai nascer daqui a 54 anos, dirá na abertura de seu tratado sobre Política, estas palavras absurdas: ‘Os homens dividem-se naturalmente em escravos e senhores’”. (p.25)

Ascóforos: “- E adiante - continuou ele – vemos os ascóforos, ou portadores de odres de couro – são os estrangeiros domiciliados em Atenas”. (p.34)

Aspásia: “Há ainda o eterno caso de Aspásia. Como a senhora talvez o saiba, Péricles divorciou-se da primeira mulher e muito teve de lutar para o segundo casamento. O amor ligou-o a Aspásia desde o primeiro dia, mas as leis de Atenas opunham-se a que um ateniense se casasse com uma miletiana - e Aspásia era de Mileto. Por fim os obstáculos foram removidos e o casamento se fez. (...)chegaram até o ponto de conduzirem Aspásia aos tribunais sob acusação de impiedade.” (p.30)

“(...) a esposa do senhor Péricles, a mulher de mais fama no mundo antigo pela sua inteligência e bondade”. (p.104)



Ar: “E o ar? Elemento? (...) O ar é uma mistura de gases – azoto, oxigênio e umas iscas de hélio, neônio, xenônio e outros gasezinhos vagabundos”. (p.28)

Arcontes: “Em Atenas existem ainda nove Arcontes, magistrados que substituíram o rei, embora não herdem o posto, nem sejam eleitos. (...) São escolhidos pela Sorte, minha filha, um sistema menos perigoso que o da eleição. Os Arcontes fazem como o rei da Inglaterra: reinam, mas não governam.” (p.41)

Aristocracia: “Vencemos a aristocracia (...) Hoje a Grécia é positivamente governada pelo povo. (...) Não há imposição dum homem (...)” (p.23)

Artemis/Diana: “Artemis, ou Diana, a caçadora – disse Pedrinho - Uma danada para perseguir animais ou gente.” (p.53)

Atena/Palas Atena/Minerva: “A tal que brotou da cabeça de Zeus armada de escudo e lança.” (p.53)

Atena Políada: “É a grande estátua de lenho de oliveira do templo de Erecteu. Chama-se Políada porque é a Atena de todas as cidades gregas.” (p.101)

Aticismo: “Aticismo era um gracioso, espirituoso e delicado modo de dizer próprio dos atenienses”. (p.105)

Aurora: “Falou ainda em ‘aurora’; Aurora era a deusa grega da manhã, que abria o dia no seu carro puxado por corcéis de asas, com uma estrela na testa e um archote aceso na mão”. (p.8)

“Diz o pastor apontando o dedo para o céu: - A divina Aurora de dedos cor-de-rosa abandona todas as manhãs o leito de Hélios para trazer ao mundo a Luz que a Noite recolheu na véspera. Ei-la, que chega em seu carro deslumbrante”. (p.50)

Azeitona: “Emília murmurou de si para si: Interessante isto de azeitonas em árvore! Sempre imaginei que nasciam dentro de latas”. (p. 51)

Azeitoneiro: “- Meu pai cultiva oliveiras (...)” (p.44)

Balir: “De outra feita, Pedrinho, vendo Emília de volta, arrastando um cordeirinho, advertiu-a: - Malvada! Largue-o. Não vê como a ovelha-mãe está berrando aflita? Ao que, a boneca corrige: - Balindo. Quem berra sou eu”. (p.44)

Batata: “Um tubérculo, Dona Aspásia. O tubérculo duma planta da família das solanáceas (...). A forma é irregular, mais ou menos arredondada. São uns tubérculos que se desenvolvem nas raízes da plantinha, revestidos duma película amarelada e muito ricos em fécula. Usamo-las cozidas em água, ou fritas.

- Há também a batata-doce – disse Narizinho – e de duas qualidades, a amarela e a roxa. São maiores e bicudas...” (p.67)

Batatas gramaticais: “(...) erros de língua que surgem na conversa e também recebem o nome de ‘batatas gramaticais’.” (p.67)

Beija-flor das Ondas: “Partimos no iate ‘Beija-flor das Ondas’, a antiga ‘Hiena dos Mares’ do célebre Capitão Gancho. (...) o navio que nos trouxe do Picapau ao Pireu (...)” (p.22)

Beleza Olímpica: “Segundo Pedrinho: É isso - essa serenidade de quem não vê nada acima de si”. (p.52)

Belo: “Mas então o belo não é o natural ‘escarrado’, vovó? - perguntou o menino.  
- Não, meu filho. Se fosse, os melhores museus do mundo seriam as escarradeiras, e a maior das artes seria a fotográfica, porque a fotografia reproduz exatamente a natureza. A arte é uma estilização, isto é, uma falsificação da natureza num certo sentido, como acaba de dizer o Senhor Péricles.” (p.34)

Bífida: “Essas línguas de ponta dupla chamam-se bi-fi-das (...) Quer dizer partida em dois. É uma palavra que vem do latim bis, dois, e findo, eu parto, ou racho, ou fendo. Bífido: fendido em dois.” (p.73)

Biógrafo: “(...) contador de vidas”. (p.11)

Birremes: “Há ainda as birremes, com duas ordens de remos. São embarcações que calam muito pouco (...)” (p.39)

Bolsos: “(...) mania dos homens modernos, segundo Emília, que explica:

- Naquele sujeito que estive lá no sítio contei dezesseis bolsos. Cada bolso para uma coisa. Carregam um bazar consigo: tesourinha, canivete, lenço, carteira, porta-níqueis, relógio, piteira de filtro, algodão para piteira, cigarros, óculos, fósforos ou acendedor de gasolina, caneta tinteiro, lápis, selos, caderno de endereços, alfinetes, papéis, listinhas de jogo do bicho etc. Os homens modernos são verdadeiras bestas de carga. Já aqui, nada disso. Esses gregos não carregam nada - só trazem para a rua a sua beleza, o seu sossego e a sua serenidade, coisas que não precisam de bolsos.” (p.16)

Bússola: “Graças a este aparelhinho é que a navegação regular se tornou praticável dum continente a outro, sem perigo de extraviamento. Invenção dos chineses. Reparem que a agulha marca sempre a mesma direção, por mais que viremos a caixa.” (p.86)

Calar: “Em linguagem náutica, Emília, calar quer dizer outra coisa; quer dizer ‘afundar náua’. Como são muito leves, as trirremes só afundam, ou só calam, um metro, mais ou menos. O nosso iate cala três metros.” (p.39)

Calçado Feminino: “(...) sandálias elegantes, sem meias”. (p.15)

Calçado Masculino: “(...) borzeguins amarrados com fios”. (p.15)

Calças: “(...) dois canudos para as pernas, na definição de Emília.” (p.15)

Calcedônia: “Um deles era esculpido num bloco de calcedônia, de modo a aproveitar as mudanças de cor das diversas camadas dessa pedra.” (p.78)

Calícrates: “(...) um dos arquitetos do Partenão, que trabalha para Fídias.” (p.29)

Capitel: “(...) os capitéis das colunas com as suas folhas de acanto...” (p.10)

Carro: “- Automóveis? Que é isso? - Ah, são uns carros de ferro que andam sem cavalos, isto é, têm os cavalos dentro, H. P. ou Horse-Power, em inglês”. (p.26)

Cartola: “E quando saem para a rua, põem na cabeça uns canudos de chaminé chamados cartolas - e mostram-se orgulhosíssimos com os rabos atrás e o pedaço de chaminé na cabeça”. (p.16)

Casaca: “Uma vestimenta preta como carvão, cortinha na frente e com dois rabos atrás... Quando eles andam, os dois rabos vão abanando... Dois rabos! Os chipanzés bisavôs dos homens modernos tinham um rabo só - os seus netos modernos inventaram mais um... Rabos de pano preto, que feiúra!” (p.16)

Cáucaso: “(...) a sinistra montanha onde Zeus acorrentou o titã amigo dos homens, Prometeu”. (p.46)

“Do Cáucaso desceram os helenos que absorveram e assimilaram os Pelasgos, fazendo aparecer uma opulenta floração humana”. (p.47)

Cérbero: “(...) Euristeu mandará Hércules descer ao inferno em busca de Cérbero, o cão de três cabeças. (...)”. (p.78)

Chiton: “(...) a primeira coisa que notou foi a moda da gente do porto. Tudo diferente das modas modernas. (...) Os homens vestiam uma túnica de nome

chiton. (...) Esse chiton ou túnica, que você está vendo, constitui uma peça do vestuário dos dois sexos. Roupa de baixo. (p.14)

Chitonion: “As mulheres vestiam uma túnica sem mangas sobre outra peça de vestuário de nome chitonion, que corresponde à camisa das mulheres modernas”.  
(p. 14 e 15)

Cidadãos: “Noto um erro nas suas palavras quando se refere a povo, Senhor Péricles. Não é o povo quem governa Atenas, sim a pequena classe dos cidadãos”. (p.23)

Ciência: “Já reparou - disse Emília - como a ciência fica uma coisa sem graça aqui na Grécia? Tudo cá é poesia - e a ciência a prosa”. (p.51)

Cigarro: “Sabe o que é um cigarro, senhor ‘marmorista’? (...) Pois é um foguinho, uma brasa que os homens chupam. Sai uma fumaça...

- Fumaça?

- Sim. O cigarro é um rolinho de papel com fumo dentro...

- Papel?

- Ou palha de milho... Papel é uma espécie de papiro feito em fábricas. Os homens enrolam o fumo picado e acendem o roletinho com um tição, ou com fósforo, ou com o acendedor...

- Fumo? Fósforo? Acendedor?...

- Ou isqueiro. Na roça a caipirada só usa isqueiro - mais barato. Acendem. Fica uma brasnha na ponta. E chupam a fumaça que sai, e soltam essa fumaça para o ar - assim! e Emília imitou o gesto do fumante que solta uma baforada.

Fídias estava cada vez mais bobo.

- E para que isso? - perguntou.

- À toa - respondeu a Emília. - Por gosto. Dizem que é gostoso - mas eu acho fedorentamente horrível. O fumo tem uma tal nicotina que é venenosa. Dizem que só uma gota na língua dum cachorro mata o cachorro.

- Quer dizer então que eles chupam a fumaça dum veneno?
- Tal e qual.
- E não morrem envenenados?
- Muitos até engordam. Os médicos dizem que a nicotina é um grande veneno, mas os fumantes respondem "Qual o quê!" Lá no sítio há o tio Barnabé, um negro de mais de noventa anos, que não tira o cachimbo da boca. Os médicos dizem que se ele não fumasse já estaria com cem anos.
- Cachimbo? Repetiu Fídias.
- Sim, é um cigarro de barro em vez de papel - continuou Emília. Um potinho de barro na ponta dum canudo - o canudo do pito. Tio Barnabé bota fumo picado no potinho e uma brasa em cima e fuma aquela fumaça fedorentíssima." (p.27e 28)

Clâmide: "Notem que há peplos de lá, algodão e seda – disse Dona Benta – e não só brancos, mas de todas as cores. Aquele ali, de formato um pouco diferente, chama-se clâmide. É o usado pelos elegantes." (p.14)

Clepsidra: "Péricles levou-o a uma clepsidra que havia ao lado do templo e apontou para o quadrante. A clepsidra marcava onze horas menos dez minutos." (p.38)

Coluna Dórica: "(...) o estilo mais severo de todos. Notem que saem do chão como troncos de palmeiras, sem que se apóiem em bases, ou plintos..." (p.35)

Comunismo: "(...) outros tentam um comunismo que nada tem com o que Platão sonhou. (...) Esse filósofo sonhou uma forma de governo adiantada demais para criaturas tão imperfeitas como os homens (...)" (p.25)

Copa: "Ganimedes serviu a todos e retirou-se para certo ponto do Olimpo, onde uma nuvenzinha cor de madrepérola servia de copa". (p.54)  
"– É lá a copa do Olimpo – sussurrou Emília – É lá que guardam as ânforas de néctar e os pratos de ambrósia". (p.55)

Corrida de archotes: “Ficam os moços enfileirados numa grande linha. Um da ponta acende um archote no altar de Eros e passa-o ao imediato – e o archote vai correndo de mão em mão até apagar-se. Aquele em cujas mãos o fogo se extingue é eliminado”. (p.101)

Cristo: “Cristo foi o homem que veio pregar a idéia nova de que a nossa alma é imortal e nossa vida na terra não passa dum momento. Foi o filho de Deus”. (p.19)

Cupido: “É o Eros dos latinos”. (p.8)

Curvatura das Colunas: “Estou notando uma coisa: a leve curvatura de todas as linhas retas ou que deviam ser retas. Estas colunas convergem imperceptivelmente como se fossem reunir-se nas nuvens, e também noto leve curva nas arquitraves, no frontão, em tudo...” (p.30)

Damon: “(...) mestre de Péricles, foi exilado.” (p.30)

Darwin: “(...) a lei do mundo é o forte despertar para a esquerda, isto é, abusar do fraco. (...) teorias dum Darwin (...)” (p.43)

Demétrio Poliorcete: “(...) um dos generais que sucederão Alexandre o Grande, que sitiaria e tomará Atenas. Instalar-se-á no Partenão e transformará o santuário da deusa em teatro de suas orgias.” (p.19)

Democracia: “Uns povos se inclinam para a democracia, que é como chamam esta forma grega de governar”.(p.25)

Demóstenes: “Neste momento queria ter a eloquência de um Demóstenes, etc.” (p.8)

Deuses Helenos: Quando Pedrinho se admira ao perceber que os deuses helenos foram os mesmos deuses pelásgicos, a musa explicou: - Sim. Zeus, Poséidon, Hera, Atena, Deméter e Hefesto foram os rudes blocos de “rocha divina” que os helenos transformaram em deuses feitos à imagem e semelhança de si próprios. De igual maneira Fídias tirou das pedreiras de Pentélico as estátuas que tanto te seduziram, meu menino. As torvas (pavorosas) divindades pelásgicas acabaram transfeitas em poesia pura.” (p.47)

Deuses Pelásgicos: “(...) eram brutos como as pedras com que esse povo (os Pelasgos) construía os seus monumentos.” (p.47)

Diomedes: “O oitavo trabalho de Hércules consistirá em dar cabo dos terríveis cavalos antropófagos do tirano Diomedes. Este sujeito os havia ensinado a comer carne humana, e os nutria com os marinheiros naufragados nas costas dos seus domínios e arremessados à praia pelas ondas”. (p.77)

Dionisos/ Baco: “(...) o deus da vinha e da alegria.” (p.95)

Dríades: “(...) que são as ninfas das árvores que andam soltas (...)” (p.75)

Eco: “Ela sabe que tem o nome de eco a voz que bate num obstáculo e volta, mas não sabe que a palavra se originou do nome da ninfa Eco, uma que falava pelos cotovelos e de tanto falar incorreu na ira da deusa Hera, a qual a transformou em voz sem corpo, isto é, no que chamamos eco”. (p.10)

Égide: “Primitivamente queria dizer a pele de cabra que os guerreiros punham ao ombro e ao peito como resguardo”. (p.37)

Elemento: “(...) é uma parte duma coisa. Quindim é um dos elementos do sítio. Rabicó, outro...



- Quindim é o elemento paquidérmico - lembrou Emília. - Rabicó é o elemento suíno.

- E você é o elemento lambeta - disse Narizinho”. (p.10)

Emilice: “Todos riram-se da "emilice" do Visconde”. (p.88)

Epistódomo: “(...) a outra parte do templo que tinha entrada pelos fundos. Nessa parte havia dois recintos – um mais estreito, de nome Epistódomo (...). Para depósito dos tesouros, das oferendas feitas à deusa. ” (p.37)

Erectônio: “(...) um filho de Hefesto e Átis, que ora é representado assim, sob forma de serpente, ora meio serpente, meio homem. Foi o criador da festa Panatenéia e tinha no corpo duas gotas de sangue da Górgona, uma que matava, outra que fazia viver”. (p.36)

Eros: “E Eros não passa do nome grego de Cupido.

- Que história é essa? Berrou Emília. - O tal deusinho do amor, afinal de contas, é Eros ou Cupido?” (p.8)

“Era um menino de asas. Era o travesso filho de Vênus (...)” (p.56)

Escravos: “Mas eles são escravos, minha senhora! Escravo é escravo.

- Engano seu, Senhor Péricles. Pelo fato de ser escravo, um homem não deixa de ser um homem.” (p.23 e 25)

Esfinge: “(...) a região é assolada por um monstro de grande crueldade. Aparece de improviso aos passantes e propõe-lhes enigmas. Quem não dá a solução certa é devorado. (...) A Esfinge é filha de outro monstro famoso, a Quimera de três cabeças. (...) Um monstro horrível, cabeça e busto de mulher, corpo de leão, asas de águia. Dos olhos saíam chispas ferozes.” (p.88)

Espelhos: “Os espelhos de Atenas eram de prata polida e pequenos.” (p.82)

Estádio: “(...) medida de distância dos gregos, correspondente a 200 metros. Portanto 40 estádios correspondem a 8.000 metros ou 8 km.” (p.17)

Estado: “Mas não há Estado, minha senhora! – disse Péricles. Isso é uma idéia abstrata. O que há são criaturas humanas com interesses em conflito (...)

- Esta forma democrática de Atenas tropicará no meio do caminho. será destruída pela palavra "Estado", que crescerá e dominará tudo até chegar à forma "totalitária" em que o som "Estado" é o total, e nós, os indivíduos, simples pulgas.” (p.25)

Estinfalo: “Existe numa cidade da Arcádia, de nome Estinfalo, um pântano habitado por umas horripilantes aves de bronze que só comem gente”. (p77)

Estratego: “(...) uma espécie de general que também cuida dos negócios administrativos. (...) Quem realmente governa são os Estrategos equivalentes aos modernos Ministros de Estado. Péricles corresponde a um Primeiro-Ministro da Inglaterra.” (p.41)

Evângelo: “(...) o mordomo Evângelo veio recebê-la (...)”. (p.42)

Euristeu: “(...) um rei que a obedecia cegamente, e Juno sugeriu a Euristeu impor a Hércules uns tantos trabalhos acima de todas as possibilidades humanas “ (p.52)

Fídias: “(...) o maior escultor de todos os tempos? ” (p.17)

“Ele está agora dirigindo a construção do Partenão” (p.19)

“Fídias é o superintendente geral (do Paternão)” (p.29)

“A situação de Fídias na história das artes vai ser a de primus inter pares e seu nome será mais popular e citado no futuro do que o é hoje.” (p.33)

Figo: "O que é um figo? - disse Emília que vinha entrando a comer o segundo figo filado.

- Uma fruta - respondeu Fídias.

- Fruta o seu nariz - disse a diabinha. - Figo é uma flor que abre para dentro. A parte que a gente come são os estames." (p.28 e 29)

Fogo: "Fogo é o resultado da combustão do oxigênio". (p.28)

"(...) esse pai das indústrias e artes." (p.47)

Frisa: "(...) que eram uma longa alternância de métopes e tríglifos, uma fita de esculturas fragmentadas, mas ligadas pelo assunto". (p.33)

Ganimedes: "(...) um rapagote de grande beleza, mas que não dava a idéia de um deus. E não era. Era Ganimedes, o menino que Zeus raptou da terra para transformá-lo em garção do Olimpo." (p.54)

Gerião: "(...) um monstro composto de três corpos humanos ligados entre si pela barriga (...)". (p.77)

Grécia: "A Grécia de hoje é definida com um país muito sem graça que só tem uvas, figos secos e soldados de saiotas. Dona Benta explica que é um país pequeno da Europa, com 116 mil quilômetros quadrados e menos de 5 milhões de habitantes." (p.8)

"- A Grécia está no nosso idioma, no nosso pensamento, na nossa arte, na nossa alma; somos muito mais filhos da Grécia do que de qualquer outro país". (p.10)

Grécia Antiga: "Também chamada de Hélade, foi a grande Grécia imortal, povoada de deuses e semideuses, de ninfas e heróis, de monstros tremendos, como a Esfinge, a Quimera, a Hidra, o Minotauro. Foi pequenina em tamanho,

mas tornou-se o maior povo da antiguidade pelo brilho da inteligência e pelas realizações artísticas”. (p.8)

"A Grécia, meus filhos, foi o Sítio do Picapau Amarelo da antiguidade, foi a terra da Imaginação às soltas”. (p.14)

Grécia Heróica: “– Não tem fim o número de acontecimentos de monta que as lendas fixaram. Lembrarei os Trabalhos de Heracles, ou Hércules. Lembrarei a instituição dos Jogos Olímpicos, essa novidade à qual o mundo deve o culto da beleza plástica. E a expedição dos Argonautas, início dum devassamento dos oceanos que culminou na descoberta de Colombo. E o reinado do rei minos da ilha de Creta. E as façanhas de Teseu, o herói que enfeixou todos os burgos da Ática numa cidade só...

- E matou o Minotauro!

- Sim... E lembrarei também a Guerra dos Sete Chefes contra Tebas. E o reinado de Atreu em Argos. E a Guerra de Tróia, que enche a Ilíada do grande Homero. E o estabelecimento das colônias gregas da Ásia Menor. E a supressão dos reis da Ática para preparo da democracia.” (p.48)

Greguismo: “Na conversa comum, todos os dias vivemos a usar palavras e expressões gregas. Até a pobre da tia Nastácia de vez em quando vem com uns greguismos...” (p.10)

Guarda-roupa de Bordo: “(...) O Visconde não levava coisa nenhuma, porque jamais possuiu qualquer coisa além da célebre cartolinha. Agora, porém, estava de boné de capitão. Isso o atrapalhou. Quer levar a cartola ou o boné? Emília resolveu o caso.

- Leve a cartolinha. O boné pertence ao guarda-roupa de bordo.” (p.40)

Hades: “(...) o deus dos infernos (...)”. (p.78)

Hamadriades: “(...) que são ninfas sempre presas dentro das árvores (...)”. (p.75)

Hecatômpedos: “A parte central (do Partenão), onde está a deusa (...). ” (p.37)

Héfestos/ Vulcano: “(...) entrou um deus coxo.

- Héfestos, ou Vulcano (...) Nasceu tão feio, o coitado, que sua mãe (Juno), furiosa, o arremessou à Ilha de Lemnos. (...) Quebrou a perna, ficou manco para sempre, e não quis saber de voltar ao Olimpo. Estabeleceu-se na terra como ferreiro, abrindo uma enorme forja no Monte Etna. O vulcão que há lá é a chaminé.

- Mas que faz aqui, então?

- O forjador dos raios de Zeus é ele. “ (p.54)

Hélade: “Pedrinho exultou, porque estava justamente onde queria - em plena Grécia Heróica, ou melhor, na Hélade Heróica, visto como a palavra Grécia só muito mais tarde iria aparecer. O pastor com que conversara no dia anterior não era ainda um grego, sim um puro heleno”. (p.48)

“A Hélade não passava de uma misturada de deuses, semideuses, heróis e simples mortais. E como até as coisas tinham alma, a vida grega era uma representação teatral como nunca houve outra no mundo.”(p.76)

Helenos: “Vinhão do Cáucaso. (...) traziam no sangue o eco da dor do titã encadeado e permanentemente bicado pela águia divina.” (p.46)

“Uma palavra explica os helenos: liberdade. Liberdade de pensar, de criar – de viver, em suma.” (p.47)

Hélios: “O sol naquele tempo não era simplesmente o sol, e sim o deus Hélios.” (p.50)

Heracles / Hércules: “Esse Heracles é o homem de mais força do mundo, e será eternamente conhecido com o nome de Hércules”. (p.49)

“Hércules, filho de Zeus e duma mortal de nome Alcmena, sempre fora muito protegido de Zeus, e muito perseguido pela deusa Hera, ou Juno, esposa de Zeus. (...) Hércules foi crescendo em idade e vigor, até que um belo dia deu começo à

sua prodigiosa carreira de herói – mas nunca deixou de ser atrapalhado pela

Himeto: “Himeto era um monte famoso pelo seu mel e pelos seus mármore.”  
(p.8)

Himation: “E para saírem à rua punham o himation que era o nome do peplo feminino.” (p.15)

Hipólita: “(...) rainha das Amazonas (...)”. (p.77)

Horas: “Os gregos contavam as horas a partir do nascer do sol, de modo que o meio-dia moderno era para eles a sétima hora, não a décima segunda, como para nós de hoje. Assim sendo, as onze horas marcadas pela clepsidra do Partenão correspondiam às quatro do relógio de Pedrinho”. (p.38)

Ictinos: “(...) os arquitetos do monumento (Partenão).” (p.29)

Íficles: “Duas horríveis serpentes (...) penetraram no palácio de Alcmena e insinuaram-se no quarto onde estava o berço de Hércules. Um irmãozinho de Hércules, de nome Íficles, viu-os e gritou.” (p.52)

Inferno: “O inferno dos gregos nada tem que ver com o inferno dos cristãos. Era um lugar muito afastado e sem sol, rodeado de quatro rios, governado pelo deus Hades, casado com a deusa Perséfone, e guardado pelo Cérbero, o cão de três cabeças. Todas as almas dos mortos iam para lá, tanto as dos bons como as dos maus.” – Nota de rodapé (p.99)

Inventadamente: “Leves como eram, dançavam conforme a música, “inventadamente”, mal tocando o chão com os pés.” (p.75)

lolau: “(...) Era Hércules que vinha se aproximando de carro, em companhia do seu fiel amigo lolau.” (p.71)

Juno/ Hera: “Juno, ciumentíssima e vingativa (...) lançou contra Hércules duas horríveis serpentes.” (p.52)

Lâmpadas de Azeite: “Isto é o tal candeeiro que a vovó conta que havia na casa do pai dela. Aqui a gente põe o azeite; aqui é a mecha. Engraçado, não?” (p.23)

Lápitãs: “- Os Lápitãs eram um antiquíssimo povo da Tessália (...)”. (p.36)

Laquerés: “Um dos vossos sucessores na chefia do partido popular, Senhor Péricles, será o primeiro profanador desse templo, daqui a 140 anos”. (p.19)

Latas: “Foi difícil ao menino explicar a significação de lata, pois naquele tempo as vasilhas eram quase que exclusivamente feitas de barro. Vasilhas de folha não existiam.” (p.44)

Leão de Neméia: “O primeiro trabalho de Hércules foi a luta contra o terrívelíssimo leão de Neméia, monstro fabuloso que supunham caído da lua. Mas era um leão invulnerável. (...) A pele desse leão iria, por toda a vida, a égide do herói.” (p.52)

Língua Grega: “A língua que falamos está toda embutida de palavras gregas. Não tem conta o número de palavras que usamos a todo instante e que tem origem grega. Narzinho cita exemplos como geografia e gramática”. (p.8)

Liteira: “Não me consta que existam liteiras-táxis.

- A gente até descansa nestes veículos - são camas que se movem - observou D. Benta.

- São mas é um grandíssimo desaforo - disse a menina.(...) Gente como nós a carregar marmanjos! Onde já se viu isto?

Dona Benta foi se reclinando na liteira ao modo da época. Lindo veículo, muito sóbrio, sem os exageros do luxo inútil “. (p.41):



Luz Elétrica: “Hoje chamada de eletricidade, como explica Pedrinho.

- É algum azeite especial? Pergunta a escrava.

- Sim, é um azeite feito de vibrações do éter - responde Pedrinho“. (p.23)

Mancebo: “Parece aquele mancebo do quarto de Dona Benta – murmurou Emília, referindo-se a um desses antigos cabides de uso nas fazendas, com jeito de candelabros.”(p.71)

Marfim: “(...) a maravilhosa Palas Atenas, a mais rica obra-prima da escultura grega. Uma estátua de doze metros de altura sobre um pedestal de três, toda de marfim e ouro... as partes nuas eram de marfim – os braços, os ombros e o severo rosto olímpico. A morna tonalidade do marfim translúcido dava a sensação de carne”. (p.35)

Medusa: “Emília olhou para o Visconde, que estava bocejando; olhou-o com olhos magnetizadores que pareciam os da Medusa”. (p.49)

Mercúrio/ Hermes: “(...) chamou o deus Hermes, ou Mercúrio, que era o mensageiro do Olimpo.” (p.53)

Metecos:

Naos: "(...) é como os gregos chamam a nave de seus templos, duas palavras que também significam navio". (p.35)

Néctar: "Mel dos deuses - mas um mel mil vezes mais gostoso que o das abelhas. Não enjoa, não é doce demais". (p.55)

"Um mel como o do vidrinho não era positivamente deste mundo, só podia ser coisa do mundo dos deuses". (p.56)

Ninfas: "As ninfas não são criaturas humanas de carne e osso; são 'formas'. Leves como o ar, verdadeiras gazes vivas. (...) elas são as 'almas das coisas' (...) almas das pedras, dos bosques, das montanhas, das árvores, das águas... Não tinham peso. Seu andar: uma dança! Perfeitas criaturas de sonho. E não são todas iguais." (p.74)

Níobe: "Princesa da Lídia, orgulhosíssima dos doze filhos que tinha, cometeu, certa vez, a imprudência de gabar-se da sua superioridade sobre a deusa Latona, que só tivera dois filhos, Apolo e Diana. Latona, irritada, mandou que Apolo e Diana lhe matassem os doze filhos. (...) Tão grande foi a dor de Níobe, que Zeus, compadecido, a transformou em pedra." (p.53)

Nômades: (...) criaturas que não esquentam lugar – ciganos (...) Mas o nômade só é nômade enquanto procura; quando acha, fixa-se." (p.46)

Óculos: "Que são aquelas rodas que ela põe no nariz?

(...) São cristais duma pureza maravilhosa. Possuem a propriedade de aumentar as coisas vistas através – ótimos, portanto, para auxiliar a visão das pessoas de vista cansada. ." (p.64)

Olimpíadas: "(...) são os jogos atléticos que, de quatro em quatro anos, se realizam na cidade de Olímpia." (p.19)

Olimpo: “E que Olimpo era esse?

- Um monte que havia na Tessália.” (p.12)

“(…) contou que aquilo por ali era a Tessália, e a montanha azul era o Olimpo (...) a morada dos deuses. (...) nunca, jamais, em tempo algum, houve mortal que subisse ao Olimpo.” (p.43)

“(…) a mansão dos deuses, feita de nuvens”. (p.52)

Ondas sabuguianas: “O nosso ilustre Visconde de Sabugosa foi o descobridor de umas ondas novas, que receberam o nome de sabuguianas, por meio das quais, podemos transmitir mensagens, cantos, músicas etc., dum século a outro.” (p.64)

Ondulação Permanente: “Cabelo e barbas encaracolados. Segundo Pedrinho, essa é a verdadeira ondulação permanente, porque é eterna”. (p.52)

Oráculos de Delfos: “Mas o tal Oráculo adivinha mesmo as coisas?

- Por Zeus! Claro que adivinha, e por isso anda o santuário de Delfos sempre cheio de consultantes vindos de todas as partes do mundo.” (p.87)

“(…) que é o sabe-tudo da Hélade antiga.” (p.105)

Orestíades: “(…) que são ninfas das montanhas (...)” (p.75)

Ouro: “A padroeira de Atenas lá estava em atitude erecta, na sua túnica talar, isto é, que descia até os pés e sobrava – túnica de pregueamento muito bem estudado e toda de ouro”. (p.35)

Paletó: “(…) dois canudos para os braços”. (p.15)

Paliteiros-cegonha: “Há uma cegonha de bico pontudo, de pé, diante de uma caixinha de palitos. Quando a gente abaixa o pescoço da cegonha, o bico fiska um palito e levanta-o no ar”. (p.68)

Paquiderme: “É uma palavra que vem do grego pachy grosso, e derm, pele ou couro”. (p.10)

Partenão ou Templo de Palas Atena: “(...) é a grande obra-prima da arquitetura grega”. (p.18)

“(...) será, no século 7º da era de Cristo, transformado na Igreja de Santa Sofia. Sofrerá deformações horrendas. A arte desse tempo já não será mais esta puríssima arte de hoje, sim o barbarismo bizantino (...). Atenas cairá nas mãos dos turcos, que por sua vez transformarão a Igreja de Santa Sofia em mesquita muçulmana”. (p.20)

“A parte central, onde está a deusa, é o Hecatômpedos. (...) a outra parte do templo que tinha entrada pelos fundos. Nessa parte havia dois recintos - um mais estreito, de nome Epistódomo, e outro mais amplo, de nome Partenão - nome que já anda a denominar o templo inteiro. Estes dois recintos serviam para depósito dos tesouros, das oferendas feitas à deusa”. (p.37)

Pastor: “Onde há rebanho há pastor. Temos de procurar o pastor daquele rebanho. (...) descobriram o pastor sentado numa pedra tocando flauta (...) Era bem jovem esse pastor, aí uns vinte anos no máximo. Cabelos em caracóis, belo de rosto e de corpo, vestido rusticamente como todos os pastores dos poemas.” (p.42)

Pátio da casa de Péricles: “(...) agradável pátio de mármore, com bancos também de mármore e uma fonte no centro, de água muito límpida a cair por uma boca de leão dentro dum tanque retangular. Formosas estátuas viam-se por ali, e vasos, e pinturas murais”. (p.18)

Pelasgos: “(...) há quatro mil anos que apareceu por aqui a horda dos nômades vindos da Ásia (...) gostaram os Pelasgos destas regiões e fixaram-se – e sua permanência iria marcar-se de modo indelével nos monumentos que eles

ergueram. Foram os construtores das 'muralhas ciclópicas', isto é, feitas de pedras tamanhas que só homens agigantados poderiam movê-las. " (p.46)

Pelegos: "O pastor tirou do monte três peles, dando uma a cada um.  
- São as camas. Durmam e tenham bons sonhos." (p.46)

Penélope: "Penélope, a esposa de Ulisses, o rei da ilha de Ítaca."

"(...) Penélope declarou que só pensaria em casamento depois de terminar aquele sudário – mas, por mais que o tecesse, o serviço não caminhava. (...) Porque ela desmanchava de noite o pedaço feito de dia. Vem daí uma expressão literária ainda em uso no mundo moderno, a 'teia de Penélope', significando trabalho que não tem fim. " (p.79)

Pentélico: "(...) mármore do monte Pentélico, em Atenas, apreciadíssimo pelos escultores". (p.30)

Peplo: "Os meninos viram que de fato todos os homens e mulheres traziam por cima do chiton o tal peplo, que não passava dum pedaço de pano quadrado, elegantemente preso ao corpo com alfinetes ou broches". (p.14)

Péricles: "Ah, meu filho, esse Péricles foi um homem de tantos méritos que chegou a dar seu nome ao século. (...) Péricles nasceu no ano de 495 antes de Cristo. (...) A história de Péricles foi contada pelo famoso 'contador de vidas' Plutarco, e quem a lê admira-se de encontrar num mesmo homem tantos e tão grandes méritos. Só no físico não foi perfeito, por falta de regularidade na forma do crânio. (...) com uma bossa no cocurutu. (...) Tirante esse pequeno defeito, era um homem de grande beleza física, dessas que se aproximam da beleza olímpica". (p. 11 e 12)

"(...) Péricles tinha a majestade dos deuses do Olimpo. Isso, por fora. Por dentro, a mesma coisa. Sua inteligência revelava a profundidade das verdadeiras inteligências. (...) das que penetram no fundo das coisas e compreendem. Poe

isso foi o maior homem de seu tempo, o maior orador, o maior estrategista, o maior estadista que governou Atenas por vontade expressa do povo. (...) Graças a Péricles, Atenas se transformou numa obra-prima de arquitetura e escultura.” (p.13)

“(...) o grande homem que dera o nome ao século”. (p.18)

“A própria fama de Péricles caberá em boa parte à circunstância de ter sido o promotor desta obra (Partenão)”. (p.29)

“Estratego (...) é o posto de Péricles no governo.” (p.41)

“Esse homem de gênio marca o zênite da civilização grega – observou a musa - Com sua morte, por ocasião da peste de Atenas, começará a agonia da grande Grécia”. (p.48 e 49)

Picapaus: “(...) os três “picapauzinhos” do Picapau Amarelo – as primeiras criaturas humanas que chegavam até lá!” (p.51)

Piruí: “(...) os grãos de milho que não rebentam.” (p.86)

Plutarco: “(...) o contador de vidas” (p.11)

Policleto: “A velhinha sabia toda a história desse grande escultor grego, não só a que vinha desde o seu nascimento em Argos até aquele momento, como ainda a que iria dali até a sua morte no ano 403 a.C. Policleto estava então com 42 anos e em pleno fulgor do seu gênio.” (p.63)

Polis: “Polis em grego quer dizer cidade.” (p.101)

Política: “(...) a política não passa da arte de harmonizar os interesses individuais com um máximo de benefício geral”. (p.25)

Pomo: “Pomo eu sei que é maca ou laranja - disse Emília”. (p.78)

Porto do Pireu: “Uma hora depois o iate entrava no Porto do Pireu e descia a âncora. Os meninos olharam. Um porto como todos os portos. Moderno. Carregadores, automóveis, fardos e caixões, guinchos de máquinas, tudo muito desenxabido. (...) Foram sair adiante, em plena Grécia de Péricles. (...) o porto ainda era o mesmo, mas estava coalhado de navios muito diferentes dos de hoje. Nada de chaminés fumacentas; só mastros, com muito cordame e velas branquinhas.” (p.14)

Pórtico: “Átrio amplo, com o teto sustentado por colunas ou pilares”. (p.20)

Poséidon/ Netuno: “(...) o deus dos oceanos.” (p.31)

“Netuno entrou majestosamente, a bater no chão com a ponta do tridente. Não revelava a beleza dos outros; parecia um monstro do mar sob forma humana. (...) contam que também teve a idéia do cavalo de Tróia e construiu as muralhas dessa cidade. Com aquele garfo de três dentes é que ele espeta tubarões.” (p.53 e 54)

Procissão das Panatenéias: “Oh, a grande festa à deusa Atena!

(...) a cerimônia em que os atenienses mudam o peplo da padroeira.” (p.33)

“Pois é a principal festa de Atenas, em honra à nossa divina padroeira (...) Erectônio, filho de Anfictião, institui a festa anual do peplo, em que numa grande procissão toda a cidade vai levar a Atena Políada um peplo novo bordado pelas virgens atenienses (...)” (p.100)

Prometeu: “(...) titã encadeado e permanentemente bicado pela águia divina. Prometeu roubara o fogo do céu para dá-lo aos homens. Esse fogo nas mãos dos homens significaria a libertação, dominação das forças da natureza – Civilização.” (p.46)

Pronaos: “(...) a parte que vem antes da `naos`”. (p.35)

Quimera: “(...) a Quimera de três cabeças (...) Está velha e caduca a pobre, e sem dentes e sem fogo...” (p.88)

Quindim: “A Grécia está no nosso idioma, no nosso pensamento, na nossa arte, na nossa alma; somos muito mais filhos da Grécia do que de qualquer outro país. Até Quindim é bastante grego, apesar de ter nascido na África, já que é paquiderme e rinoceronte (...)”. (p.10)

Rádio: “E o rádio, então? Sabe o que é?

- ?

- Um sistema de a gente falar aqui e ser ouvida no fim do mundo no mesmíssimo instante.” (p.28)

“O rádio que o mundo conhecia limitava-se a transmitir sons dum ponto da terra a outro, isto é, só atuava no espaço”. (p.57)

Refeição Olímpica: “Néctar e ambrósia.” (p.54)

Rigoletto da Floresta: “(...) é o corcunda de uma das mais célebres óperas de Verdi, aquela que tem o pedacinho do ‘La donna é mobile’...” (p.51)

Rinoceronte: “(...) é palavra que vem do grego rhinoceros: - rhino, nariz; e ceros, chifre. O bicho de chifre no nariz.” (p.10)

Sabedoria: “Ele é um sábio, e os sábios só gostam de carregar coisas na cabeça. São assim porque as coisas que a gente carrega na cabeça não pesam. É a preguiça. Assim fala Emília apresentando o Visconde ao pastor (...) viajo com a minha canastrinha - e quem tem de carregá-la é ele, porque é o mais fraco de todos, e a lei do mundo é o forte despertar para a esquerda, isto é abusar do fraco. E a culpa, senhor pastor, é do Visconde mesmo, que nos andou ensinando as teorias dum Darwin, que disse que a vida é um combate que aos fracos abate e



aos fortes e aos bravos só pode exaltar... Ao que retruca Pedrinho: - Isso não é Darwin, é um verso do poeta Gonçalves Dias". (p.43)

Saia: "Aquele velho vestido dum modo exótico, de saia e paletó de quartinho (...)" (p.16)

Sala de Refeições: "(...) estou até adivinhando que ali dentro é o lugar dos comes". (p. 22)

"Narizinho estranhou muito o sistema de mesas dali. Baixinhas, tendo em redor, em vez de cadeiras, coxins". (p. 23)

Sátiros: "- Que feiúras! Murmurou Emília. – Têm pernas e pés de bode e chifrinhos na cabeça. E trazem flautas duplas e tambores." (p.75)

Shirley Temple: "- Ah, é a flor do Cinema! – respondeu a menina. – Uma estrelinha maravilhosa. Oito anos de idade só e ganha, sabe quanto? Sete mil dólares por semana." (p.85)

Sócrates: "É um moço que esteve na guerra e hoje anda a ganhar fama de bom argumentador. Sócrates. (...) O grande Sócrates, cujo nome iria atravessar os séculos, ali diante dela, tão feio em moço como seria na velhice...

Aspásia estranhou aquele interesse, pois Sócrates não passava dum ateniense como inúmeros outros, bom soldado nas guerras, bom conversador, bom argumentador e muito amigo de discussões – mas só (...).

-Ah, minha senhora - respondeu Dona Benta – o nome de Sócrates vai ser um dos mais altos da humanidade e dos mais honrados no futuro. Quanto mais séculos se passarem, mais se falará de suas virtudes e de sua filosofia (...)." (p.62)

Sófocles: "Sófocles é um dos dez estrategos atenienses; mas sua fama não vem disso, sim de suas peças teatrais. O Futuro o considerará um dos maiores gênios da humanidade". (p.95)

Sólon: “A coisa teve início quando um legislador de gênio, chamado Sólon, fez as leis da democracia. (...) Sólon endireitou tudo; e como era poeta, deixou o justíssimo elogio de sua própria obra nuns versos que todas as crianças gregas sabiam de cor”. (p.13)

“Sólon revelou gênio ao conceber nossa forma de governo”. (p.23)

Sudário: “Um pano, um lençol em que envolviam os mortos antes de enterrá-los.” (p.79)

Talento: “O talento é a medida do ouro e da prata destes povos. Tem variado de valor com o tempo e o lugar. Aqui, hoje, o talento ático vale 297 libras esterlinas. (...) Quatrocentos talentos de 297 libras dão 118.800 libras, - ou seja, 11.880 contos de réis na moeda do Brasil.” (p.35)

Talheres: “Chamamos talheres a uns instrumentos intermediários entre nossas mãos e os petiscos vindos à mesa. Há o garfo, que é uma haste metálica com um cabo e quatro espetinhos, ou dentes (...) A colher é esse mesmo garfo com um côncavo na ponta, em vez de dentes. Serve para levar à boca os alimentos líquidos – sopa, caldos (...) A colher serve para as coisas líquidas ou em pó. E a faca os senhores sabem o que é – o instrumento cortante.”(p.68)

Tanger: “Lira não se toca - tange-se - Eles estão tangendo a lira. Tocar, Dona Benta diz que é só para sino ou galinha”. (p.34)

Teatro: “Foram os gregos os criadores do teatro no mundo, e a coisa começou, sabe como? Com as festas, os cantos e danças rústicas em homenagem a Dionisos, ou Baco, o deus da vinha e da alegria.” (p.95)

Tessália: “A Tessália era uma das partes da Grécia, a qual, como vocês sabem, se compunha de diversos estados independentes, mas unidos pela mesma língua,

cultura e religião. Havia a Tessália, o Peloponeso, a Helas, e o Epiro, partes, por sua vez, divididas em pequenas repúblicas, como a famosa Ática, de que Atenas era a capital, e a terrível Esparta.” (p.12)

Theoricon: “Uma verba do tesouro público destinada a custear as festas, os sacrifícios, as embaixadas, as construções dos templos”. (p.99)

Tia Nastácia: “Uma beijuda, com reumatismo na perna esquerda, nó na tripa, analfabeta, mil receitas de doces na cabeça, pé chato, gengiva cor de tomate, assassina de frangos, patos e perus, boleira aqui na pontinha, pipoqueira, cocadeira... (...) - Uma negra pitadeira dum pito muito preto e fedorento. Não sabe o que é pito? Ai, meu Deus do céu! Estes gregos não sabem nada de nada. Mas beijo o senhor sabe o que é, não? Pois basta isso. Não viu uma velha cor de carvão, de lenço vermelho de ramagens na cabeça e um par de beijos deste tamanho na boca? Se viu, é ela. E acrescenta:

- Pois atrás dela andamos porque é a Palas Atena lá da cozinha do Picapau Amarelo. Não erra nos temperos. Quem come os quitutes de tia Nastácia lambe os beijos e repete a dose (...)” (p.45)

- Repare, vovó, que elegantes e leves são.

- Na realidade, meu filho, estas embarcações primam pela leveza. Basta dizer que já têm sido transportadas por terra dum ponto do mar a outro. Medem mais ou menos quarenta metros de comprimento e cinco de largura, e são levadas por duzentos remadores dispostos em três filas, uma por cima da outra. Daí o nome de trirremes ou barcos de três ordens de remos.” (p.39)

Visconde: “- Como é o único que é consertável – disse ela - os meninos sempre recorrem ao Visconde nas ocasiões de maior perigo.

- Por quê

- Porque se ele perecer, tia Nastácia faz outro. ” (p.37)

Zeus: “Viram o imponente Zeus em seu trono de ouro (...)

- Que esplendor de homem! – cochichou Emília dentro das folhas. - Parece mesmo o Teófilo Gautier que Dona Benta nos mostrou em retrato.” (p.52)

“(...) naquelas intrigas olímpicas, acabava sempre triunfando, mas tinha que empregar muita astúcia. Se ele era o mais poderoso, os outros também dispunham de grande poder.” (p.53)